

14

**MÚSICA**

O vocalista dos Simple Minds fala sobre Portugal



42

**SHOPPING**

O que pode comprar na primeira loja Kicks em Lisboa



4 GOURMET

# OS RESTAURANTES DE HOTEL JÁ NÃO SÃO O QUE ERAM

**g** GOURMET

**p** PALCO & PLATEIA

**S** STYLE







## EDITORIAL

ÂNGELA MARQUES EDITORA

# UM CERTO REQUINTE

O Markus é um jornalista de gostos simples – qualquer bifana saloia em dia de jogo do Benfica o faz feliz. Contudo, estando reunidas as condições para isso, o Markus é também um daqueles jornalistas que aprecia um certo requinte nas coisas. Diz ele que sempre gostou de dormir em hotéis e que nos últimos tempos tem dado por ele a gostar também de fazer entrevistas em hotéis (o encontro recente com Eddie Redmayne no luxuoso Grosvenor Park, em Londres, e a conversa com Garrett McNamara no não menos deslumbrante Pestana Palace, em Lisboa, estão-lhe frescos na memória). Talvez contribua para isto – este seu apetite por uma vida faustosa – o facto de até aos 8 anos o Markus ter vivido num hotel, na Alemanha, país onde nasceu e que gentilmente lhe ofereceu o ‘k’ que ele ostenta num cartão de cidadão mais de mil vezes solettrado. Por muito que goste de hotéis, no entanto, na hora de reservar uma mesa para almoçar ou para jantar, o Markus opta sempre por restaurantes de rua. Optava, digamos. Nas últimas semanas, com a tarefa de descobrir como são hoje os restaurantes de hotel, o Markus saiu para a rua e não descansou enquanto não se sentiu em casa. No trabalho que aqui publicamos, ele mostra-lhe que o mundo mudou. Por exemplo? Ele, lamentavelmente, já não vive num hotel.



## G GOURMET

### 4 RESTAURANTES

Os restaurantes de hotel não têm de ser exclusivos e monótonos. Conheça as nossas seis sugestões

### 11 ALÔ CHEF

As oito respostas da *chef* Megan Melling, do Mar D'Estórias, em Lagos, ao questionário do **GPS**

## P PALCO E PLATEIA

### 14 MÚSICA

Jim Kerr, vocalista dos Simple Minds, revela que os Simple Minds continuam *alive and kicking*

### 21 NOITE

Quatro anos de Sabotage comemorados em quatro dias (e noites) de festa

### 22 SÉRIES

O índio Toshiway da série *The Son*, Zahn McClarnon, falou com o **GPS**

### 26 CINEMA

As dificuldades de ir até Fátima a pé por João Canijo, Rita Blanco e Anabela Moreira

### 30 TEATRO & DANÇA

Falámos com Gonçalo Waddington a propósito da segunda parte de *O Nosso Desporto Preferido*, no S. Luiz

### 34 LIVROS

As letras de Vinicius de Moraes que todos os músicos do Brasil cantaram

### 38 ARTES PLÁSTICAS

*A Sedução da Modernidade* é inaugurada no Museu de Arte Contemporânea do Chiado, em Lisboa



## S STYLE

### 42 STYLE

Kicks, a marca portuguesa de ténis, abriu uma loja em Lisboa

### 46 PROVADOR

Pintámos o cabelo de cor-de-rosa com o novo *spray* da gama Colorista

**Director** Eduardo Dâmaso **Director adjunto** João Carlos Silva **Editor de fecho** Carlos Torres **Editora** Ângela Marques **Editora adjunta** Rita Bertrand **Redactores** Âgata Xavier, Diogo Lopes, Gonçalo Correia, Inês Mendes Oliveira e Markus Almeida **Colaboradores** Catarina Homem Marques, João Tomé e Rodrigo Affreixo **Críticos** Ana Maria Henriques e Célia Pedroso (Restaurantes), Carlos Vidal (Artes Plásticas), André Santos, Eduardo Pitta e Miguel Morgado (Livros), Filipe Lameelas e Pedro Salgado (Música), Gisela Pissara (Teatro), Tiago R. Santos e Pedro Marta Santos (Cinema) **Secretária da Direcção** Catarina Gonçalves **Infografia** Rúben Sarmento **Fotografia** Guilherme Venâncio (editor), Alexandre Azevedo (subeditor), **Grafismo** Nuno Silva (coordenador), Ana Soares (designer sénior) e Marta Cristiano **Tratamento de Imagem** João Cruz, Ricardo Coelho e Ricardo Valente **Consultoria Linguística** Manuela Gonzaga **Documentalista** Anabela Meneses

# GPS

GOURMET

RESTAURANTES

4

D.R.



## FAÇA **CHECK-IN** NESTES NOVOS RESTAURANTES

**O GPS experimentou cinco novos restaurantes de hotel em Lisboa (e um no Porto) que abriram desde o último ano. Isto não é para inglês ver, é para português comer**

TEXTO MARKUS ALMEIDA E RODRIGO AFFREIXO

**E**m tempos, quando o empresário do novo jogador da moda era apanhado a almoçar ou a jantar com dirigentes de um dos três clubes de futebol que habitualmente ocupam as primeiras páginas dos jornais, o mais provável era que o local do crime fosse o restaurante de um hotel. Com o campeonato perto do fim, não faltará muito para a imprensa desportiva confirmar que o estigma se mantém. Algo mudou, contudo, nos restaurantes de hotel.

A fauna é outra: além dos hóspedes ou de senhores de fato e gravata em reunião de negócios (os clichés existem por algum motivo), também se encontram por lá pessoas cujo único interesse é ter uma boa refeição em boa companhia. Também a flora mudou: os menus dos novos restaurantes de hotel já não reflectem apenas preocupação em agradar a paladares internacionais. Na selecção de restaurantes em Lisboa e no Porto que o **GPS** reuniu, há pratos de bacalhau, bochechas de porco estufadas, polvo grelhado e hambúrguer com queijo da serra para serem apreciados em mesas com vista, em balcões à antiga ou à sombra, em esplanadas. ●



## CERVEJARIA LIBERDADE TIVOLI AVENIDA LIBERDADE

Av. da Liberdade, 185, Lisboa  
213 198 900  
12h30-23h30  
€40 (Preço médio)

Os novos donos da cadeia de hotéis Tivoli – os tailandeses do Minor Hotel Group – não perderam tempo e, como quaisquer novos inquilinos ou condóminos fariam, trataram de redecorar a sala de jantar. Assim, a Brasserie Flo, o emblemático restaurante de esquina do Tivoli Avenida Liberdade, com o seu tecto e as janelas altas e uma muito bonita vista para a avenida, deu lugar a um novo restaurante com um conceito diferente: a Cervejaria Liberdade. Íamos escrever “um conceito novo”, mas, na verdade, o que é novo aqui é a aposta de seguir esta longa tradição que é a das marisqueiras lisboetas. As marteladas na santola (€35/quilo) podem ser dadas ao balcão central que ocupa a sala ou à mesa. As ostras vêm da ria de Aveiro (seis unidades custam €16), as gambas do Algarve e não podia faltar o prego do lombo no pão (€9,50). Meio lavagante, uma santola, ostras, 200 gramas de percebes e outras tantas de gambas compõem o cabaz chamado mariscada – custa €130.

## INFAME 1908 LISBOA HOTEL

Lg. do Intendente Pina Manique, 4, Lisboa  
218 804 000 • 12h-15h e 19h-22h  
€20 (Preço médio)

Se o *chef* Nuno Bandeira de Lima não soubesse o que faz, a combinação de alguns pilares da cozinha portuguesa (como bacalhau, atum ou carne de porco) com apontamentos orientais poderia ter corrido mal, como frequentemente acontece. Não é o caso no Infame. “O conceito foi apurado para esta zona. Não tem nada a ver com o que eu fazia lá em cima”, diz, a respeito do The Insólito, que ele abriu há seis anos e de onde saiu para abrir este. “Saí em Agosto, fui fazer *surf* com os meus putos e no fim de Setembro já estava a começar a preparar esta carta.” Na altura, o 1908 Lisboa Hotel, que abriu a 31 de Janeiro, ainda estava em obras. A carta reflecte a vizinhança. Há pratos com *noodles* de arroz, um polvo assado com batata-doce cor de laranja, amarela e roxa (€14), e *pakorás* – uma espécie de pastel de legumes à moda do Bangladesh (€7). Também há *pho*, que com a mudança de carta, em Maio, dará lugar a uma sopa fria.

RESTAURANTES

5



Mariscada  
(€130)



Polvo paul (€14)



Tuna nigiri (€16)

Sashimi de salmão marinado em sal (€22)



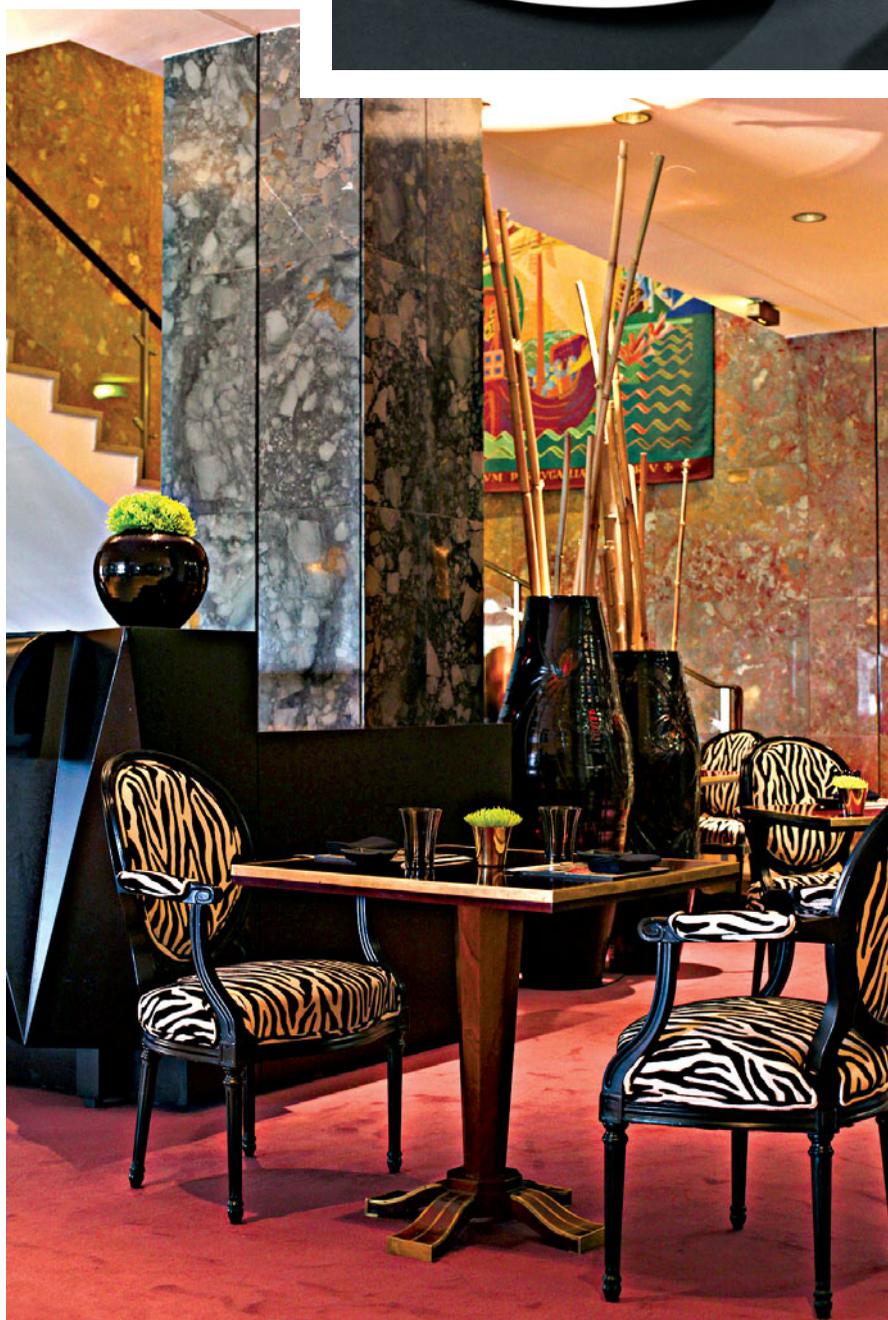
## RESTAURANTES

6

### O JAPONÊS FOUR SEASONS HOTEL RITZ LISBOA

R. Rodrigo da Fonseca, 88,  
Lisboa  
213 811 400  
12h30-15h e 19h30-22h30  
(fecha sáb., 2.ª e 3.ª)  
€45 (Preço médio)

O que vemos na foto acima, à esquerda, é o improvável mas abençoado casamento entre salmão, trufas pretas e folha d'ouro - correcto, parece-se com alumínio dourado, só que comestível. Baptizado como *tuna nigiri*, este *sushi* de três peças custa €16 e é uma das estrelas do novo restaurante japonês do Ritz, que tem um nome que não deixa ninguém ir ao engano: O Japonês. Se o Ritz já tinha um restaurante (O Varanda, do chef Pascal Meynard), desde Março passou a ter dois. Este fica encostado ao bar. Para não haver confusões entre os espaços, que estão separados apenas pelo corredor de passagem, O Japonês teve direito a cadeiras de padrão zebreado. Ao todo, são 16 cadeiras em oito mesas espalhadas à volta do balcão de *sushi* de onde saem os ceviches de dourada, as tempuras de camarão picante ou a salada de lavagante e espinafres, com *yuzu* e *miso* crocante - foi este o prato escolhido para representar o hotel no mais recente Peixe em Lisboa. Os menus de almoço incluem *saké*, 18 peças de *sushi* e *sashimi*, sobremesa e uma bebida (€37 por pessoa). Para quem tiver vagar e companhia, o menu de degustação é de oito pratos e custa €69 por pessoa (para um mínimo de duas). Do outro lado do corredor vê-se o terraço, e do terraço ver-se-ia o Parque Eduardo VII, porque até ao início do Verão este se mantém fechado. O que vale é que falta pouco.



FOTOS RICARDO PEREIRA



RESTAURANTES

7

## MOUZINHO TURIM MARQUÊS HOTEL

R. Mouzinho da Silveira, 26, Lisboa

210 495 690

12h-15h e 19h-23h (sáb. e dom. só 19h-23h)

€20 (Preço médio)

O hambúrguer mais recomendado pela equipa de sala, pela *chef* e pelo *chef-executivo* do Mouzinho, o novo restaurante do grupo Turim Hotel, é o de salmão - leva ainda tomate desidratado, ovo escalfado e molho holandês e custa €14. Provámo-lo e percebemos o porquê da preferência, mas foi o hambúrguer com queijo da serra, *cornichons*, *bacon* e cebola caramelizada em pão de leite que levámos nos coração. Este último pode ser pedido em corpo inteiro (€14) ou pode ir à mesa em formato miniatura na companhia de outros dois hambúrgueres da carta (este trio, a que chamam Mouzinho, custa €14,50). Ora, o Mouzinho é um restaurante de hotel que é uma hamburgueria, mas como restaurante de hotel que é também serve bife do lombo ou salmão com batata, brócolos e cogumelos. Se ao almoço os menus executivos (€15) chamam quem trabalha por perto, ao jantar são sobretudo hóspedes do hotel que encontramos na sala envidraçada do restaurante - que é uma espécie de caixa de vidro, com uma montra para a rua e outra para o *lobby* do hotel. Por outras palavras, os hambúrgueres serão devorados ao som de *trolleys* a passar. O ambiente e os preços são de hotel, já os hambúrgueres são de sujar os dedinhos e pedir mais.



Mouzinho  
(€14,50)

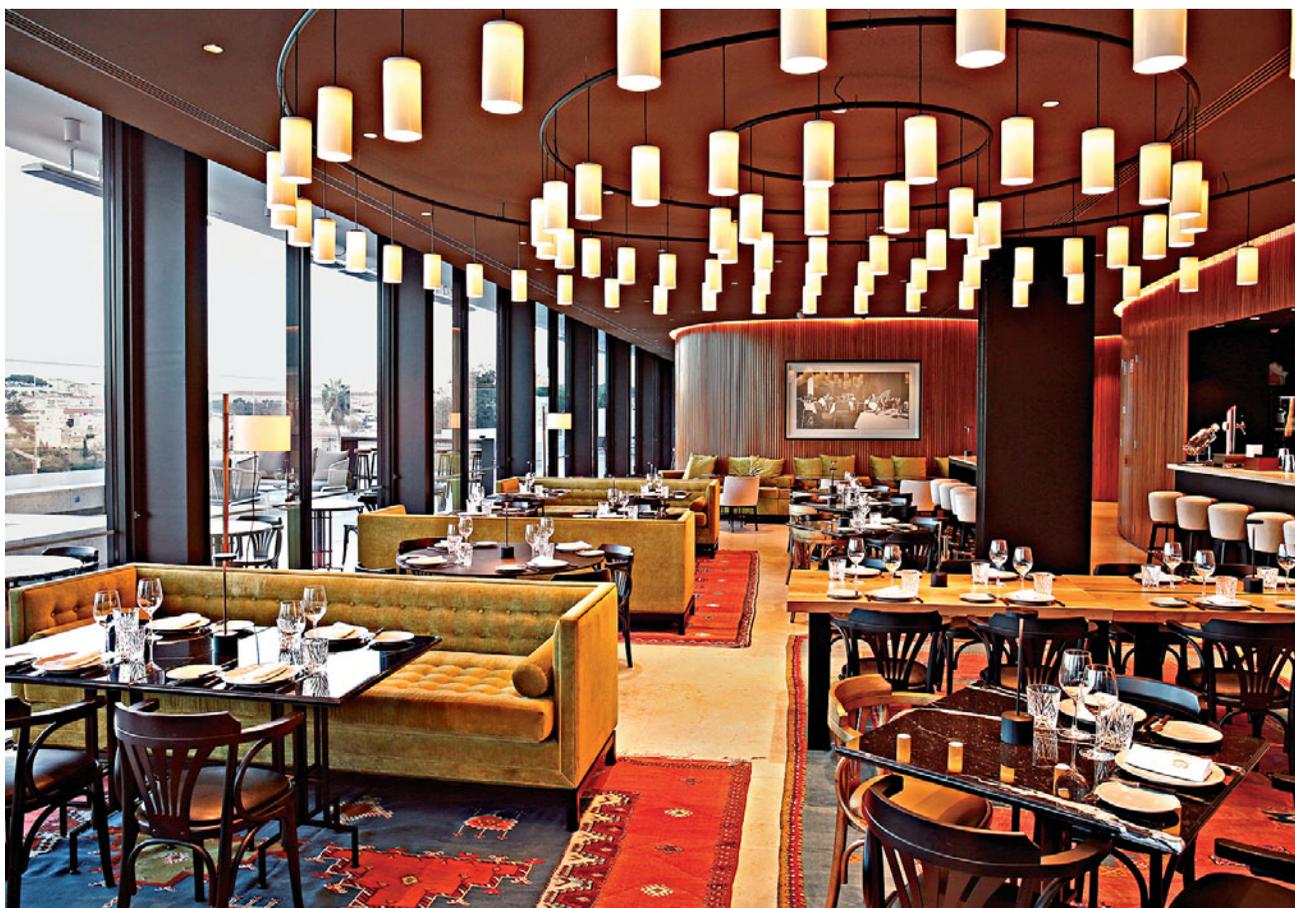


## CAFÉ COLONIAL MEMMO PRÍNCIPE REAL

R. D. Pedro V, 56 J, Lisboa  
961 844 248 • 12h30-15h e 19h30-22h  
(5.ª a sáb., até 23h)  
€30 (Preço médio)

À primeira vista, pode parecer que ali, nas costas do Príncipe Real, em Lisboa, se esconde o luxuoso covil secreto de um vilão dos filmes de James Bond. É lá que mora o recém-inaugurado (a 20 de Abril) hotel de cinco estrelas Memmo Príncipe Real, que no rés-do-chão tem o Café Colonial Restaurant & Cocktail Bar, restaurante de cozinhas do mundo chefiado por Vasco Lello. “Não é cozinha de fusão”, diz o *chef*, que chegou aqui depois de cinco anos no Bairro Alto Hotel, mas sim “de inspiração pelas viagens gastronómicas” do passado colonial português. O restaurante e bar fica no rés-do-chão, mas a vista sobre Lisboa é de *penthouse*. O ambiente é recatado mas descontraído, a clientela é sobretudo portuguesa e entre os pratos mais populares estão a corvina com arroz de lingueirão e berbigão (€24), o caril de camarão (€18), as asinhas de frango fritas (€9) e a *tagine* de borrego (€25).

*Tagine de borrego*  
(€25)





RESTAURANTES

9

## RIB – BEEF & WINE PESTANA VINTAGE PORTO

Pç. da Ribeira, 1, Porto  
223 402 300 / 966 273 822  
12h30-15h30 e 19h-22h30 (6.ª, sáb. e vésperas  
de feriado até 23h)  
€45

O Pestana Vintage Porto já existe há muito tempo, no coração da Ribeira, junto ao rio, mas só mais recentemente abriu o RIB, especializado em carne e vinhos, com uma decoração sofisticada e completamente aberto para a rua. Neste momento, é um dos melhores e mais concorridos restaurantes do Porto. Aqui, o prato forte é uma cuidada selecção de carnes nacionais DOP e internacionais. Na carta, assinada por Rui Martins, que foi eleito *Chef-Cozinheiro* do Ano 2016 pela Associação de Cozinheiros de Portugal, destacam-se “os melhores cortes e os melhores acompanhamentos”. Há também as “*cool alternativas*”, destinadas ao número crescente de vegetarianos. Além das carnes, a adega do restaurante disponibiliza ainda uma requintada variedade de vinhos. Desde que abriu, o RIB também passou a ser ponto de encontro de enólogos, produtores e apreciadores de vinhos, em encontros de provas e degustações. O restaurante é complementado com um bar especializado em *cocktails*, onde por vezes acontecem festas temáticas. 🍷



Carpaccio  
de novilho (€11)

## Uma pizzaria lisboeta que já compete em Itália

RESTAURANTES

10

### FORNERIA

VIA DO ORIENTE, 16, E, PARQUE DAS NAÇÕES, LISBOA

11h-15h e 19h-23h (fecha segunda)

€15 (preço médio)

✎ ALEXANDRA PEDRO

O Parque das Nações, em Lisboa, não pára de crescer. Desde o final de 2016, tem uma novidade que interessa principalmente aos fanáticos por pizza: a Forneria. Sucesso desde o dia em que abriu portas, esta pizzaria vai além-fronteiras: a 8, 9 e 10 de Maio, o *chef* do Forneria vai participar no Campeonato Mundial de Pizzas, em Parma. Segundo o proprietário do espaço, Joaquim Prates, o *pizzaio* “está em processo de criação” e “ainda tem tudo

nos segredos dos deuses”, mas garante que terá “boas combinações”.

Joaquim Prates disse ao **GPS** que desde a abertura já se viu obrigado a aumentar a esplanada “devido à adesão que tem tido” – a pizzaria tem agora “56 lugares sentados, mais quatro ao balcão e mais de 40 na esplanada”. A decoração é, para Joaquim, um íman do restaurante. “Do que as pessoas têm gostado mais é da garrafeira com rede de galinheiro, acham curioso, não é muito usual”, afirma o dono. No entanto, o destaque pode ir ainda para a cozinha aberta – que até tem um balcão disponível para os clientes. A agilidade com a massa, os ingredientes usados e o empratamento do *chef* Vítor Cunha estão sob o olhar dos mais curiosos.

As afamadas pizzas são preparadas num forno a lenha e custam entre €7,50 e €12. Deve experimentar a *prosciutto & funghi* (€10) ou, se se fá de mozzarella, a salame *napoli* (€9,50). Já o proprietário, puxa a brasa à sua massa, e aconselha a pizza Forneria (€13). Há mais, contudo: na carta há ainda opções de *pastas*, como lasanha da casa (€10) ou *ravioli al tartufo* (€14), hambúrgueres italianos e ainda risoto (€16).

Para breve, Joaquim diz que haverá mais novidades na carta, nomeadamente uma nova pizza Pata Negra, desta vez com figos e presunto espanhol: “Mas só quando a fruta tiver qualidade, daqui a um mês, talvez.” Antes de se ir embora, termine a refeição com uma trilogia de *panna cotta* (€7,50) ou uma pizza de Nutella e doce de frutos vermelhos (€6).



Há mais de 15 pizzas clássicas (como as *calzone*) na carta do Forneria, e cinco na secção *gourmet*. No último grupo encontra a pizza Pata Negra, uma das mais concorridas e que vai merecer nova edição

### Ingredientes preferidos?

Ervas frescas e azeite. Nunca fui grande jardineira, mas agora ando a plantar ervas e re-bentos. Até tomate!

### Viajas para experimentar pratos?

Viajo sempre para comer. Estive há pouco tempo no Vietname. A próxima viagem vai ser à América do Sul. Gosto de descobrir técnicas e sabores novos.

### Quais são as tuas principais referências?

Gosto muito dos livros do Thomas Keller, o *Bouchon Bakery* é como uma bíblia para mim. Adoro a Niki Nakayama (e a filosofia dela) e o *Chef's Table*.

### Se servires um peixe nos EUA, vai com a cabeça?

Vai com tudo: cabeça, espinhas, pele. Tenho uma prima norte-americana que acha que o peixe são só douradinhos.

### Gostas de fotografar comida. Há alguma estética que admires?

Comprei uma boa máquina e já fiz alguns cursos. Gosto muito de duas contas que sigo no Instagram: Local Milk e a Little Upside Down Cake.

RESTAURANTES

11

## MEGAN MELLING

### CHEGOU A PORTUGAL

COM três anos, vinda dos Estados Unidos da América, país que vai visitando com regularidade. Cresceu no Algarve até ir estudar para Lisboa - Enfermagem, primeiro, e culinária, depois. Passou pela pastelaria do Feitoria, restaurante com estrela Michelin em Belém, e pelo The Decadente, também em Lisboa, até se fixar no café/bistro Mar D'Estórias, em Lagos. Tem 26 anos, gosta de fotografar comida e de conhecer os produtores dos ingredientes que cozinha.

TEXTO ÁGATA XAVIER

### Qual é o teu utensílio favorito?

A minha colher! Comprei-a na Feira da Ladra, em Lisboa, e provo tudo com ela. Custou €1.

### O que nunca entra na tua cozinha?

Não gosto nada de peixe cozido. Era uma criança muito esquisita, até aos 15 anos não comia nada. Depois comecei a ser mais aventureira e acabei por ir para cozinha. Gostava de provar ainda mais coisas. Não acredito na transformação de produtos, a minha filosofia é a de ir buscar os melhores produtos da estação - é por isso que gosto de conhecer os produtores. Evito tudo o que tenha conservantes.

### Uma iguaria norte-americana que toda a gente deve provar?

O bacon e o pulled pork (tipo de churrasco com carne de porco).

Em cima, o espaço que lembra uma taberna. Em baixo, os ovos com espargos e as almôndegas de alheira com grelos



RESTAURANTES

12

## CRÍTICA ALCÂNTARA 50 PETISCAR É PRECISO

1 Nunca se petiscou tanto nesta cidade como desde que *chefs* conhecidos começaram a dar atenção a pequenos pratos. Há formatos para todos os gostos e carteiras, com mais ou menos inspiração. O Alcântara 50 foi dos primeiros a apostar nesta área e mesmo sem estrelas na cozinha gaba-se de ser o único com um pneu Michelin na entrada...

A sala é acolhedora e profusamente decorada. Num edifício antigo bem recuperado, os azulejos brancos, cobertos com mensagens de clientes satisfeitos, saltam à vista. Em tempos houve por ali um estúdio fotográfico, daí tantos recortes de imprensa forrarem as paredes (até as da casa de banho).

As mesas em mármore e os guardanapos de tecido aos quadrados dão o tom à atmosfera informal e encantadora. Somos recebidos por João e Alexandra, os anfitriões, inextinguíveis em simpatia. Ao almoço há pratos do dia; ao jantar os petiscos e um ou outro prato - calhou-nos um competente polvinho assado com batatas e grelos.

Os pãezinhos quentes chegam embalados e aconchegados num saco de pano



FOTOS RICARDO PEREIRA



aos quadrados e despacham-se em ritmo guloso, com manteiga, com pasta de chouriço ou com pasta de azeitona. A primeira impressão não podia ser melhor, nada como um bom *couvert* para conquistar o estômago. Provado o vinho da casa - do Alentejo -, o anfitrião é generoso na sua dis-

tribuição, enchendo o copo quantas vezes necessárias e cobrando apenas um. Ora aí está outro truque cativante.

Aposto nos peixinhos da horta - mas aqui a porca torce o rabo: o polme estava grosso e sem a leveza que faz deste petisco um deleite vegetariano. Os cogumelos *shitake* afogaram-se no azeite e jaziam já sem vida quando chegaram à mesa. Pelo contrário, os ovos com espargos eram mesmo deliciosos, assim como os queijinhos alentejanos gratinados ou as almôndegas de alheira recheadas com queijo da serra - perfeitas na fritura e no tempero. *Idem* para os grelos salteados que as acompanhavam. Sobremesas competentes q.b., mas nem o leite-creme queimado nem a *mousse* de chocolate surpreenderam.

Limando algumas arestas, o Alcântara 50 poderá tornar-se ainda mais apetecível e ter uma carta equilibrada e condizente com a simpatia dos proprietários. ●

●●●●○  
**ALCÂNTARA 50**  
R. Vieira da Silva, 50  
• 213 950 907  
• 12h às 15h30; 20h às 23h30  
(fecha dom. e seg.)  
€25 (preço médio)

TEXTO CÉLIA PEDROSO

# JÁ ABRIU!

## A Letraria chegou ao Porto

### LETRARIA - CRAFT BEER GARDEN PORTO

R. DA ALEGRIA, 101, PORTO  
223 235 186 • 17h-24h  
(aberto 6.ª e sáb., até às 2h) • Fecha 3.ª  
€2 a €5 (cerveja),  
€12 (Preço médio com refeição)

#### RODRIGO AFFREIXO

Sediada em Vila Verde (Braga), a Letra foi criada em 2010 e colocada no mercado em 2013. É hoje uma marca de referência entre os apreciadores de cerveja artesanal, e a sua variedade já vai na letra F, o que perfaz seis tipos, além das que são maturadas em barrica de vinho do Porto. Na fábrica, há quase dois anos, abriu o Letraria Brewpub,

onde é possível fazer harmonizações. Agora, o Letraria chegou ao centro do Porto.

Primeiro, o espaço parece apenas um pequeno bar. Depois, desce-se umas escadas e descobre-se uma segunda área, maior, com outro bar e mesas. Finalmente, desemboca-se num espaçoso jardim, com fontes e esplanada. Além desta enorme vantagem, o Letraria é polivalente: é um bar onde se pode beber um copo, mas também é uma loja onde se pode comprar cerveja e um restaurante onde se pode jantar, a fazer harmonizações.

“É o primeiro espaço em Portugal que tem esta variedade de torneiras – são 40. Focámos 80 por cento da nossa variedade em cervejas portuguesas, sendo à garrafa ou de pressão. Portanto, o que está aqui, até ao número 17, é tudo português”, explica Filipe Macieira, co-criador da marca com Francisco Pereira – ambos da área da Engenharia Biológica e investigadores na Universidade do Minho. “Apesar de sermos produtores, temos aqui várias marcas portuguesas, como a Passarola, a Dois Corvos (ambas de Lisboa), a Sovina (do Porto), a Post Scriptum (da Trofa)... Antes disso, da 1 à 10, são cervejas produzidas por nós. Portanto, a lógica é promover. É haver aqui um espaço que, além de promover a nossa cerveja, também promova a cerveja artesanal portuguesa. A única estrangeira que temos, neste momento, é a Mikkeller, dinamarquesa.”

A acompanhar, há tapas: queijos, enchidos, pimentos de Padrón, croquetes de carne e queijo, tostas de queijo da serra e presunto. Quem quiser jantar pode “atacar” o prego de novilho, o bife de novilho com três molhos, os dois hambúrgueres (de carne ou vegetariano) ou a sanduíche Stout (de estufado de pá de porco em cerveja preta). Para sobremesa, há ainda a *mousse* de chocolate com cerveja preta e a *panna cotta* de frutos vermelhos. •

BARES

13



FOTOS: JORGE MIGUEL GONÇALVES



Hoje uma marca de referência junto dos apreciadores de cerveja artesanal, a colecção da Letraria começou na letra A e já vai na letra F

# P

PALCO & PLATEIA

MÚSICA

14

Jim Kerr nasceu em Glasgow, Escócia, e aos 18 anos tornou-se vocalista de um dos maiores grupos de música pop dos anos 80, os Simple Minds



# Os Simple Minds continuam *alive and kicking*

**Jim Kerr, vocalista desta banda que reinou nos anos 80, falou com o GPS sobre os dois concertos que o grupo vem dar a Portugal - quarta-feira, dia 3 de Maio, no Coliseu de Lisboa, e quinta-feira, dia 4, no do Porto. O que começou como uma simples conversa acabou como retrospectiva de quase 40 anos de carreira**

TEXTO **DIOGO LOPES**

**P**assavam poucos minutos do meio-dia quando o **GPS** esbarrou de frente com o cerrado sotaque que se ouvia do outro lado da linha. Quem falava? Jim Kerr, o vocalista dos icónicos Simple Minds, que vão tocar nos Coliseus de Lisboa e do Porto. “Pedia-lhe para falar um pouco mais devagar, por favor.” Do lado de lá ouviu-se uma gargalhada, seguida de um “Claro!”

“Estou na minha casa, em Glasgow, a poucos minutos da escola onde tudo começou”, disse Kerr.

Actualmente com 58 anos, o músico e cantor que transformou o seu grupo de amigos da escola numa das maiores bandas dos anos 80 soa relaxado e bem-disposto. Diz que sempre foi assim, animado, mesmo quando as coisas não corriam bem. O seu grupo surgiu de rompante, em plena época fértil dos chamados *one hit wonders*, bandas que não conseguiram ir para lá de um único estrondoso sucesso como os A Flock of Seagulls, os Soft Cell ou os Berlin. “Nunca duvidei de que éramos diferentes desses todos”, explica. Correcto, não eram. Prova disso é o facto de ainda hoje andarem em digressão e já terem “seis anos de concertos agendados”, por exemplo. Voltemos, contudo, ao sítio “onde tudo começou”.

Em 1977, um grupo de miúdos escoceses juntou-se para criar os Johnny & The Self Abusers, banda punk que teve uma morte precoce - desintegrou-se no próprio dia em que editou o primeiro e único *single*, *Saints and Sinners*. Foi o fim de um projecto e o início de outro: os Simple Minds. Kerr trocou os teclados pelo microfone e assumiu-se



**ACUSTIC**  
**SIMPLE MINDS**  
Pop rock • Universal  
• €13,99

**DON'T YOU  
(FORGET  
ABOUT ME), UM  
DOS MAIORES  
ÊXITOS DO  
GRUPO, ESTEVE  
PARA NÃO  
EXISTIR - OS  
SIMPLE MINDS  
NÃO GOSTAVAM  
DE COMO  
SOAVA**

como vocalista do grupo, que em pouco tempo começou a fazer virar cabeças.

Em 1979, os Simple Minds lançaram o primeiro álbum, *Life in a Day*, obra que apesar de se ter mantido num modesto 62.º lugar no *top* do Reino Unido, prometia um futuro risonho. A carreira do grupo foi-se revelando, algumas alterações foram sendo feitas no alinhamento, e aos poucos a banda foi-se tornando popular “um pouco por todo o mundo”, conta Kerr.

“Tudo estava a correr bem, estávamos a ser bem-sucedidos, mas faltava-nos conquistar um dos grandes, os Estados Unidos”, diz o vocalista. Durante muito tempo, o mercado norte-americano olhou com desconfiança para aquilo que vinha de fora. Jim Kerr relembra que o próprio David Bowie tinha tido “dificuldade em singrar do outro lado do Atlântico” até lançar o *single* *Let's Dance*. A banda ia aparecendo, esporadicamente. Eram um “grupo de culto nos meios universitários”, mas pouco mais. Era preciso fazer alguma coisa.

“Um certo dia, a nossa companhia discográfica quis falar connosco para avisar que iam fazer uma campanha de promoção mais intensa na América do Norte e que precisavam de qualquer coisa nova para o fazerem”, conta. O grupo achou bem, mas estava de mãos a abanar, não tinha nada de novo na manga e a *Alive and Kicking* “ainda estava a nascer”. Isso não foi problema para a editora, que tinha uma proposta. Aparentemente, o realizador John Hughes era um grande fã dos Simple Minds e estava com um projecto grande em mãos, um filme de adolescentes erráticos cha-

• mado *The Breakfast Club* (*O Clube*, em Portugal). Tudo bem, mas a banda continuava com um problema: não tinha qualquer música pronta para Hughes usar - mas a editora tinha.

Aparentemente, Keith Forsey, o responsável que Hughes tinha escolhido para a banda sonora do seu filme, tinha uma versão ainda "muito tosca" de uma canção. "Ficámos desconfiados, nunca tínhamos tocado nada que não fosse 100% feito por nós, mas decidimos falar com eles na mesma", revela Kerr. Um grupo de músicos tocou-lhes a canção, ela tinha soado "OK", mas não houve consenso e os escoceses recusaram. "O pessoal da editora ficou ma-

lucado, até o presidente nos ligou, mas queríamos manter a nossa posição", diz Jim, entusiasmado, antes de rematar com "ainda por cima o filme pareceu-nos ser uma merda!"

O destino desta incursão parecia traçado, mas Forsey (também ele confesso admirador do grupo) não quis desperdiçar a hipótese de trabalhar com os escoceses: "Ele vinha a Glasgow e pediu-nos se podia passar um tempo connosco no estúdio. Nós aceitámos." Todos se juntaram para várias *jam sessions* e "em dois dias", os Simple Minds foram vencidos. Quase seis meses depois de começarem a discutir se faziam ou não a música para o *The Breakfast Club*, nascia a *Dont You (Forget About Me)*. "Ela teve de sofrer o tratamento Simple Minds - adicionámos-lhe a intro, os *la la las*, e a coisa fez-se." Assim nasceu um dos êxitos dos anos 80.

Kerr admite que já tocaram esta música "milhares de vezes", mas que isso não é aborrecido. "As pessoas vão sempre querer que o Paul McCartney cante *Yesterday*, que o Bruce Springsteen cante *Born To Run*", conta, antes de concluir que é normal que existam estas expectativas. Há também à mistura uma espécie de responsabilidade que a banda sente ter perante o público. Kerr afirma que a maior parte do público que os vê ao vivo, só o faz "uma vez, duas no máximo", e que essas mesmas pessoas "querem ouvir as músicas que os acompanharam a vida inteira, durante os anos de universidade ou durante o primeiro desgosto



GETTY IMAGES

A primeira vez que os Simple Minds vieram a Portugal foi em 1980, quando o grupo andava em digressão com os Genesis e actuou em Cascais



Em Novembro de 1985, os Simple Minds actuaram pela primeira vez na televisão norte-americana, no *Saturday Night Live*

amoroso". A parte sentimental da música, as memórias que ela muitas vezes carrega, são uma espécie de incentivo que o grupo respeita e que até gosta de sentir. É por causa disso que consegue "tocar esses êxitos como se fosse sempre a primeira vez". Nos concertos que o grupo vem dar a Portugal pode, portanto, contar que *Dont You (Forget About Me)* e *Alive and Kicking* vão fazer-se ouvir. O único senão é que é mais que provável que as vá ouvir num formato diferente, não fosse este novo disco totalmente acústico, formato que o grupo já havia ponderado abordar há "pelo menos 20 anos".

O grupo tinha ponderado, mas a ideia nunca foi consensual. A ideia do "tipo sentadinho num banco alto num barzinho qualquer" desagradava.

**SIMPLE MINDS**

COLISEU DE LISBOA

4.ª, 3/5 • 20h30

• €20 a €270

COLISEU DO PORTO

5.ª, 4/5 • 20h30

• €22 a €130

MÚSICA

17

Uma ou duas músicas? Isso não era problema. Um disco inteiro é que lhes parecia demais. Contudo, uma entrevista com o radialista Chris Evans, da BBC Radio One, tê-los-á feito pensar duas vezes.

“Estávamos a promover o nosso álbum anterior, o *Big Music*, e o Chris [Evans] quase nos implorou para tocar umas versões acústicas no programa dele”, conta. A banda acabou por aceder, “meio contrariada”, mas o resultado surpreendeu: “Foi um sucesso! As pessoas do meio gostaram muito, as rádios passaram as canções montes de vezes e os fãs, pelas redes sociais, também se mostraram satisfeitos.”

A estocada final nesta ideia surgiu quando “um promotor suíço” os convidou para tocarem no seu festival... de música acústica. “Fomos meio desconfiados”, revela Kerr, “mas aceitámos. Se corresse mal, corria”, ainda para mais o “festival decorria no meio de umas montanhas meio escondidas, por isso quase ninguém ia saber o que aconteceu”, completa, a brincar. O concerto nesse festival acabou por correr muito bem e este novo sucesso foi o “garante psicológico” de que precisavam – o disco acústico ia mesmo acontecer.

Por esta altura, a conversa já tinha ultrapassado a barreira da meia hora. Aos poucos, o sotaque escocês cerrado foi-se tornando mais familiar ao ouvido e nem quando a voz de Kerr se tornou mais introspectiva, não tão alegre, deixou de se perceber o que dizia.

A década de 80 foi o período hegemónico dos Simple Minds. Contudo, dez anos depois o cená-

rio ficou bastante diferente. O quinteto já tocava junto há pelo menos dez anos e, para espanto de Kerr, nessa altura alguns deles começaram a querer abandonar o projecto: “Já tínhamos ganho dinheiro suficiente e havia pessoal que já estava cansado desta vida, queria assentar, casar, ter filhos.” Jim diz que aceitou estas alterações com naturalidade, mas mesmo assim não esconde que este foi um período de tempo que o permitiu

descobriu muito sobre si. “Ter qualquer tipo de sucesso já é tão difícil...”, diz, tentando mostrar que sempre se sentiu agradecido. Contudo, “foi difícil lidar com a realidade” de que ainda era um jovem, mas ninguém queria saber dele.

“Perdemos muita confiança, nesta fase”, confessa, mas ao mesmo tempo faz o contraponto, afirmando que “o trabalho de estúdio” que nunca deixou de fazer foi essencial para recuperar a vontade de seguir em frente. Como pessoa positiva que sempre aparentou ser durante a conversa, Jim rapidamente dá a volta ao assunto, afirmando que também ganhou muito durante esta fase: “Fui pai, tive outros negócios, mudei-me para Itália,

aprendi italiano...” Apesar disso, não esconde que adoraria voltar a ter os mesmos números de vendas da altura dourada dos Simple Minds.

Hoje, como há 40 anos, a música continua a ser aquilo que mais ocupa a sua cabeça: “A música ajuda-me a fazer sentido no mundo, é o meu refugio.” Diz que toca todos os dias e que os Simple Minds até já têm outro disco pronto a sair, “só no final deste ano, princípio do próximo”.

*Alive and kicking*, lá está. ●

**30**

No total, os Simple Minds já venderam 30 milhões de discos no mundo inteiro

**40**

A banda está quase a completar os 40 anos de carreira

**58**

Quando Jim Kerr entrou nos Simple Minds tinha 18 anos. Em 2017, celebrou o 58.º aniversário

**A DÉCADA DE 1990 NÃO CORREU BEM À BANDA ESCOCESA. VÁRIOS ELEMENTOS DA BANDA QUISERAM SAIR E A SUA POPULARIDADE CAIU A PIQUE**

Orquestra Sinfónica Metropolitana



DAVID RODRIGUES



Pavel Gomziakov

JB MILLOT

Sérgio Godinho e Filipe Raposo



TIAGO FIGUEIREDO

## CARTAZ

### GRANDE AUDITÓRIO

6.ª, 28/4

21h30 Concerto de Abertura

Sáb., 29/4

12h Poesia e Música • 14h

Sedução e Amores Proibi-

dos • 16h Beethoven e

Goethe • 18h Personagens

Intemporais • 20h Mozart

e Da Ponte • 22h Paixão

Segundo S. João

Dom., 30/4

13h O Poema Sinfónico

• 15h Meditação e Êxtase

• 17h À Memória de Camões

• 19h Hino à Alegria • 21h30

Candide ou o Optimismo

### PEQUENO AUDITÓRIO

Sáb., 29/4

14h Gaspard de La Nuit

• 16h Do Poemário Musical

Romântico • 18h El Amor

Brujo • 20h O Rapaz de

Bronze • 22h Viagem

de Inverno

Dom., 30/4

13h O Doido e a Morte

• 15h Da Grécia Antiga

ao Palácio de Zarzuela

• 17h Ludovic Ensemble

• 19h O Sonho de uma

Noite de Verão

### REstantes Salas

Consulte toda a

programação em

www.ccb.pt

€4 a €12 (p/ concerto)

€5 (p/ conferência)

## MÚSICA

18

## FESTIVAL

# DIAS DE MÚSICA E PALAVRAS EM BELÉM

### ■ GONÇALO CORREIA

Com a relação entre literatura e música em pano de fundo, o emblemático festival Dias da Música decorre este fim-de-semana, de 28 a 30, no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa.

Nos três dias de festival - sexta, 28, sábado, 29, e domingo, 30 -, ouvir-se-á um pouco de tudo: de recitais de piano e violino a óperas, concertos de pop rock, interpretações de orquestras e até debates sobre a importância das palavras enquanto fonte de inspiração musical.

Na sexta-feira, 28, o primeiro destaque vai para Bloom. O novo *alter ego* de JP Simões mostra (às 21h) novos temas e regressa ao seu passado (mais ligado à bossa nova) na sala Chico Buarque, homenagean-

do o icónico músico e escritor brasileiro.

Segue-se, às 21h30, no Grande Auditório do CCB, o tradicional Concerto de Abertura, que junta a Orquestra Sinfónica Metropolitana ao Coro da Fundação Princesa das Astúrias na interpretação da banda sonora *Ivan, o Terrível*, que o pianista russo Sergei Prokofiev compôs para acompanhar os filmes de Sergei Eisenstein sobre o Rei russo Ivan IV.

Nos dias seguintes, a oferta multiplica-se. No sábado, 29, ouvir-se-á, por exemplo, o músico e escritor Sérgio Godinho falar sobre escrita musical e interpretar - com o pianista Filipe Raposo - alguns dos seus temas.

Os Couple Coffee homenageiam José Afonso, Ary dos Santos e Noel Rosa, a violinista russa Tatiana Samouil (que abriu os Jogos Olímpicos de Sochi) interpreta temas do agrado de Sherlock Holmes (figura maior dos livros de detectives), e o violoncelista russo Pavel Gomziakov as *Suites n.º 1, 4 e 6* para violoncelo solo de Bach (no dia seguinte, interpreta as restantes três), em recital dedicado ao falecido poeta e ex-director do CCB, Vasco Graça Moura.

Há ainda actuações do conceituado pianista português Artur Pizarro (que volta a actuar no domingo, 30) e a ópera

*O Rapaz de Bronze*, com libreto de José Maria Mendes (escrito a partir do conto homónimo de Sophia de Mello Breyner) e apresentação de Nuno Côrte-Real.

A encerrar o festival, no domingo, a fadista Aldina Duarte fala sobre os poetas que cantou, a cantora francesa Lou Tavano canta clássicos franceses (de Gainsbourg a Aznavour e Ferré) e os mais de 60 músicos do Coro e Ensemble MPMP interpretam o *Requiem* que o compositor português João Domingos Bomtempo escreveu em 1817, inspirado por Os Lusíadas, de Camões. Destaque ainda para actores como Rita Blanco, Pedro Gil, Miguel Moreira e Pedro Lamas, que irão recitar textos literários. ●

## GONÇALO CORREIA

Já se passaram 14 anos e José González - que nos próximos dias dá quatro concertos intimistas (Porto, Lisboa, Coimbra e Ponta Delgada) - até já fez mais dois discos, ambos bem recebidos por público e crítica. Porém, nenhum fá esquece *Heartbeats*, a cover dos The Knife que deu a conhecer o músico e catapultou para o sucesso o seu primeiro álbum, *Veneer* (de 2003).

Tudo começou aí, com um universitário, filho de argentinos, mas nascido na Suécia (para onde os pais se mudaram devido à ditadura militar em que vivia o país), a compor o seu primeiro disco,



MALIN JOHANSSON

**JOSÉ GONZÁLEZ**  
CASA DA MÚSICA,  
PORTO  
3.ª, 2/5 • 21h  
AULA MAGNA,  
LISBOA  
4.ª, 3/5 • 21h30  
CONVENTO SÃO FRANCISCO,  
COIMBRA  
5.ª, 4/5 • 22h  
TEATRO MICAELENSE,  
PONTA DELGADA  
Sáb., 6/5 • 21h30  
• €17,50 a €35

## CONCERTOS

# GONZÁLEZ EM DIGRESSÃO NACIONAL

que chegaria às bocas do mundo.

González não parou: a um ritmo tão pausado quanto a sua música, editou mais quatro álbuns, dois a solo (o úl-

timo foi *Vestiges & Claws*, em 2015) e dois com a sua banda de folk rock, Junip.

A sua folk confessional tornou-se, segundo a crítica, lyricamente

mais expansiva no último disco, com González a cantar mais o seu olhar sobre o mundo e menos o seu olhar sobre si. São essas mudanças que se ouvirão

na Casa da Música (terça-feira, 2 de Maio), Aula Magna (quarta, 3), Convento São Francisco (quinta, 4) e Teatro Micaelense (sábado, 6).

*Heartbeats* também não deverá faltar - até porque não há amor como o primeiro... •

MÚSICA

19



**PLACEBO**  
PAVILHÃO MULTIUSOS DE GONDOMAR  
2.ª, 1/5 • 21h30  
€35 a €40  
COLISEU DE LISBOA  
3.ª, 2/5 • 21h30  
Esgotado

## CONCERTOS

# PLACEBO VOLTAM ATRÁS

Para comemorar os 20 anos do lançamento do álbum de estreia dos Placebo - um disco homónimo, que continha *singles* como *Come Home*, *36 Degrees* e *Teenage Angst* e que rapidamente atingiu sucesso junto do público europeu -, os britânicos iniciaram, em Novembro de 2016, uma digressão onde revisitam os primeiros temas e outros êxitos de carreira, como *Running Up That Hill*, *The Bitter End* e *Every You Every Me*.

A digressão chega agora a Portugal, com Brian Molko e Stefan Olsdal (mais a banda que os acompanha ao vivo) a actuarem no Pavilhão Multiusos de Gondomar esta segunda-feira, 1 de Maio, e no Coliseu de Lisboa na terça-feira, 2. Deverá ainda ouvir-se um tema novo, *Jesus' Son*. • GC

## CONCERTOS

# JENNY HVAL EM LISBOA E BRAGA

Os anos de 2015 e 2016 foram importantes para a norueguesa Jenny Hval: se no primeiro conquistou definitivamente a crítica com *Apocalypse Girl*, o seu álbum de estreia na conceituada editora independente americana Sacred Bones, no segundo confirmou os bons indícios com *Blood Bitch*, disco elogiado por publicações tão diversas quanto a *Pitchfork*, *The Guardian* e *Consequence of Sound*.

Este sábado, 29, e domingo, 30, a artista que faz a ponte entre a música experimental e a canção pop e que se apropria de áreas como a filosofia, a antropologia e a política para desafiar



**JENNY HVAL**  
GNRATON,  
BRAGA  
Sáb., 29/4 • 22h30  
• €7  
LUX FRÁGIL  
LISBOA  
Dom., 30/4 • 23h  
€15

convenções e conceitos (como capitalismo, género e corpo) apresentados, primeiro na GNRation, em Braga, e depois na discoteca Lux Frágil, em Lisboa, num concerto que marca o encerramento da BoCA - Bienial of Contemporary Arts. • GC



●●●●○  
**ULTRAMEGA OK**  
Rock alternativo  
• Ed. Sub Pop  
€ 14,99 (Fnac)

## CRÍTICA SOUNDGARDEN – ULTRAMEGA OK UM PEQUENO PASSO PARA A HUMANIDADE... E ENTÃO?

1 Em 1988, Chris Cornell (vocalista dos Soundgarden) ainda achava que aparecer de tronco nu, em praticamente todas as fotografias promocionais, era algo

MÚSICA

que granjeava popularidade para a banda. Pior, foi quando, para o mesmo efeito e demasiado influenciado pelo macho rock da altura, Cornell passou a usar uns calções prateados excessivamente justos. Depois, ainda houve um par de erros na carreira do grupo de Seattle, até que, finalmente, em 1991, começaram a afinar as agulhas em *Badmotorfinger*. *Superunknown* (1994) foi a conse-



FILIPE LAMELAS CRÍTICO

quência desse crescimento e, a partir daí, o resto é história.

A verdade é que, pecadilhos à parte, os Soundgarden souberam crescer e tornar-se num dos expoentes máximos do rock alternativo, na sua feição mais pesada, durante os anos 90.

*Ultramega OK*, sendo o seu primeiro álbum, constitui, atualmente, uma espécie de

“declaração para memória futura” com a qual a banda nunca ficou, no entanto, satisfeita. Esse é, aliás, o pretexto para a reedição do disco que tem, desde logo, a vantagem de ter sido remixado por Jack Endino, o lendário produtor associado à criação do “som de Seattle” que, além de ter produzido os primeiros EP da banda, trabalhou

com os Nirvana, Screaming Trees ou TAD.

Por outro lado, esta reedição serve como pretexto para corrigir os erros do passado e, acima de tudo, ir ao encontro da sonoridade que os Soundgarden procuravam naquela transição dos 80 para os 90. Desta reedição faz também parte um EP com versões inéditas de algumas das canções que integram o álbum.

*Ultramega OK* dificilmente mudou a vida de alguém em 1988 e certamente não o fará agora. A verdade é que, apesar de ter sido um pequeno passo para a humanidade, foi – e continua a ser – um grande salto para os Soundgarden. ●

20

## CRÍTICA JAMIROQUAI LIGADO ÀS MÁQUINAS



DIOGO LOPES CRÍTICO

1 Passados sete anos de desaparecimento quase completo, Jay Kay regressou com este *Automaton*, uma espécie de remix da fórmula funk+electro=sucesso. Durante muito tempo, esta

equação resultou, elevando a popularidade do inglês a níveis estratosféricos (a crítica internacional sempre o destacou como uma das maiores estrelas pop dos últimos vinte anos).

Discos-maravilha como *Return of The Space Cowboy* ou *Travelling Without Moving* elevaram as expectativas daquilo que se esperava de Jay, um dos únicos artistas que havia conseguido dar uma roupagem totalmente nova ao contagiado groove de bandas como os Earth, Wind and Fire, por exemplo.

Entretanto, a paternidade surgiu na sua vida e isso obrigou-o a um



●●●●○  
**AUTOMATON**  
Electro-funk • Virgin  
UK • €16,99

hiato. *Automaton* surge como um regresso... meio esquizofrénico.

Os baixos irresistíveis continuam lá, assim como a voz melódica. O que destoa é o exagero de sintetizadores desconexos que surgem em músicas como *Automaton*, um exemplo daquilo que seriam os Daft Punk se se dedicassem aos esteróides.

Outra, *Hot Property* também perde muito com uns *samples* estranhos de uma senhora a falar russo. Tirando estes casos, o regresso de Jamiroquai é aceitável, por muito que ele surja demasiado ligado às máquinas. ●

# Sabotage sopra as velas

O bar lisboeta de rock and roll celebra o quarto aniversário em quatro noites, com concertos e DJ sets

TEXTO GONÇALO CORREIA



Os Memória de Peixe actuam esta sexta-feira, 28 de Abril

## CARTAZ

### SABOTAGE CLUB, LISBOA

5.ª, 27/4 • 22h30-4h

Capitão Fantasma  
• DJ Serotonin  
• DJ Nuno Rabino

6.ª, 28/4 • 22h30-6h

Memória de Peixe  
• Alek Rein • Cave Story  
• DJ Mário Lopes  
• DJ António Manuel  
• DJ Nuno Rabino

Sáb., 29/4 • 22h30-6h

Tav Falco Panther Burns  
• DJ A Boy Named Sue  
• Johnny Chase  
• Nuno Rabino

Dom., 30/4 • 22h30-6h

Repórter Estrábico  
• Sacapelástica • DJ Tiago Castro • DJ Dr. Feel Good  
• DJ Nuno Rabino

€10 p/ dia (inclui uma cerveja)

“Hey, hey mama, said the way you move / gonna make you sweat, gonna make you groove.” Não será de estranhar se a voz lasciva de Robert Plant, dos Led Zeppelin, se fizer ouvir numa madrugada próxima em Lisboa. É até provável que isso aconteça - em especial no número 16 da Rua de São Paulo, no Cais do Sodré, onde há quatro anos nasceu um clube de rock and roll (e suas variantes), que prometia (e conseguiu) marcar a cidade, o Sabotage Club, que esta semana festeja o quarto aniversário com quatro dias de concertos.

Outrora uma editora independente de discos, o Sabotage ganhou em 2013 nova pele, inspirado em clubes icónicos como o lisboeta Rock Rendez-Vous (por onde passaram alguns dos mais emblemáticos músicos e bandas nacionais dos anos 80, como os Xutos & Pontapés, GNR e Rui Veloso) e o nova-iorquino CBGB, que abriu em 1973, fechou em 2006 e acolheu múltiplas estrelas - dos Ramones aos Television e dos Talking Heads a Patti Smith, entre tantos outros.

Por cá, o Sabotage aproveita a festa para sublinhar o ecletismo da sua programação, dentro do eixo rock, com propostas que vão do folk rock psicadélico de Alek Rein ao rock jazz dos Memória de Peixe, ao pós-punk e garage rock dos Cave Story e ao *psychobilly* dos históricos americanos Panther Burns, de Tav Falco. Os DJ Mário Lopes, Tiago Castro e A Boy Named Sue preenchem a madrugada, com rock psicadélico, blues e soul rock. ●

NOITE

21

## PERGUNTAS A

### MAI KINO

CANTORA

A NOVA CARA DA música electrónica nacional é Mai Kino, o *alter ego* de Catarina Moreno, portuguesa que reside (e cria) em Londres. *The Waves* é o nome do seu primeiro EP e é para o apresentar que vem a Portugal. Esta quinta, 27, actua no Teatro Aveirense, um dia depois vai ao Porto, ao Maus Hábitos, e antes de regressar a Inglaterra ainda toca no Musicbox, em Lisboa, este domingo, 30.



### 1 O que significa Mai Kino?

São palavras com vários significados em diversas línguas, todos a confluir para temas que me aparecem em sonhos recorrentes: mar, dança, luz, cinema...

### 2 Tem formação em artes como a música, a dança e o design. Como é que a tornam melhor artista?

Acho que são ferramentas que me ajudam a exprimir melhor. Tenho sinestesia, vejo cores, formas e movimentos quando oiço música, então todas essas áreas se informam umas às outras e fazem parte da mesma coisa.

### 3 Qual a maior mais-valia de estar a trabalhar em Londres?

A imensa diversidade e estímulo à minha volta. Londres é um epicentro cultural e artístico. É a cidade a que chamo casa há mais de 11 anos e onde fiz a maior parte da minha experimentação artística. Permitiu-me trabalhar com pessoas como o Luke Smith, por exemplo, que produziu Depeche Mode, Foals e outros artistas que admiro.

DIOGO LOPES

# “É difícil fugir a alguns estereótipos”

**Zahn McClarnon, o índio Toshaway de *The Son*, a nova série do AMC que estreia este domingo, 30 de Abril, falou com o GPS**

TEXTO **DIOGO LOPES**

**O**s rumores da morte dos *westerns* são amplamente exagerados. Longe vão os tempos dos filmes de *cowboys* manhosos. Ao longo dos últimos anos têm surgido exemplos que sustentam esta afirmação e *The Son*, nova série do AMC que estreia este domingo, 30, é mais um.

O **GPS** falou com Zahn McClarnon, um dos seus protagonistas, e ficou a perceber melhor o que esperar desta história que tem Pierce Brosnan (o ex-007) como estrela maior e que acompanha a vida da família McCullough, impiedosos senhores do petróleo no século XIX.

## **Como nativo americano, como é para si representar um dos seus antepassados?**

A minha personagem, o Toshaway, é muito tridimensional. Identifiquei-me muito com ele, mesmo tendo em conta que ele é um pouco diferente do tipo de personagem que costumo interpretar – é um sujeito mais patriarcal. É difícil fugir a alguns estereótipos, especialmente quando fazemos uma série de época.

## **A série tem muitas cenas de acção.**

### **Como foi o treino para elas?**

Eu ando a cavalo desde que nasci, mas na série não tive de andar muito. A maior parte dessas cenas foi feita por duplos profissionais, um grupo de cavalei-

**THE SON**  
AMC  
22h10 • 30/4

ros de Browning (estado de Montana) que são do Blackfeet Indian Reservation. Este grupo de nativos americanos são excepcionais a cavalgar sem sela – arrisco a dizer que são dos melhores do mundo. Também tivemos um conselheiro de linguagem que nos ensinou algumas coisas do dialecto *comanche* [tribo de índios norte-americanos]. Demorei muito tempo a decorar tudo porque tivemos de aprender tudo do zero, palavra a palavra.

## **A linguagem foi o maior desafio deste novo projecto, então?**

Sim. Infelizmente, não acho que nós, os actores, sejamos muito reconhecidos por este trabalho com linguagens diferentes da nossa. Aprender uma língua nova é difícil, basta imaginar o que seria pedir ao Tom Cruise para, de um momento para o outro, aprender a falar japonês. Neste caso em específico, por exemplo, existem milhares de dialectos nativos americanos...

## **O Eli, a personagem do Pierce Brosnan, é um homem ganancioso, que não olha a meios para conseguir o que quer. Acha que hoje em dia existem mais pessoas assim?**

Sim. Acho que muitos dos temas que *The Son* tenta abordar prendem-se, precisamente, com uma série de problemas muito actuais. O Eli foi criado sob condições muito duras e tornou-se impiedoso, calculista. Acho que isto acontece muito hoje em dia, especialmente no seio de poder e corrupção que hoje nos governa. Acho que temas como os conflitos entre culturas ou a imigração, que hoje tanto ensombream a governação Trump, estão presentes também nesta série. ●





PROGRAMA GILEAD  
**GENESE**

Investigação  
Comunidade

INCENTIVAMOS CIÊNCIA  
FOMENTAMOS SAÚDE

# PARABÉNS

aos projetos distinguidos na 4ª edição  
do PROGRAMA GILEAD GENESE

**aPodes**  
in People we trust

**ADF**  
ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

**AS**  
AVENTURA  
SOCIAL  
ASSOCIAÇÃO

**cedoc**  
CRONIC DISEASES  
NOVA

**CIISA**  
FMV - ULisboa

**FARM-ID**  
Associação da Faculdade de Farmácia  
para a Investigação e Desenvolvimento

**iMed.ULisboa** Research  
Institute for  
Medicines

**FUNDACÃO PORTUGUESA  
A COMUNIDADE CONTRA A SIDA**

**INSTITUTO DE HIGIENE E  
MEDICINA TROPICAL**  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**INEB**  
Instituto de Engenharia Biomédica

**POS-TIVO**  
25 ANOS DE VIDA. MESMO COM VIH

**ULISBOA** | UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**UNIVERSIDADE  
DE FARMÁCIA**

**U.PORTO**

**30** GILEAD  
30 ANOS DE VIDA. MESMO COM VIH

Gilead Sciences, Lda.  
Atrium Saldanha, Praça Duque de Saldanha  
nº 1 - 8º A e B, 1050-094 Lisboa - Portugal  
Tel. 21 792 87 90 - Fax. 21 792 87 99  
Email: gilead.genese@gilead

Nº de contribuinte: 503 604 704  
Data de preparação: abril de 2017  
000/PT/17-04/IN/1395



**AS TELEFONISTAS**  
NETFLIX  
6ª • 28/4

ESTREIA

## A EMANCIPAÇÃO FEMININA NOS LOCOS ANOS 20

INÊS MENDES OLIVEIRA

*Las Chicas del Cable* (*As Telefonistas*, em português) é o título original desta série exclusiva da Netflix, impossível de pronunciar sem arranhar no espanhol. A série passa-se em Madrid, em 1928, e é a primeira da Netflix a ser produ-

zida em Espanha. Estreia esta sexta-feira, 28 de Abril.

No epicentro estão quatro mulheres de origens bem diferentes: Lidia (Blanca Suárez), Marga (Nadia de Santiago), Carlota (Ana Fernández) e Ángeles (Maggie Civantos), operadoras da primei-

ra e única companhia telefónica nacional, com sede na capital espanhola. A série acompanha os seus dramas pessoais e profissionais enquanto se consagram as primeiras mulheres da revolução da comunicação.

Em parceria com a Bambú Producciones,

esta produção de época, além de ser um deleite para todos os amantes dos anos 20 e do estilo *vintage*, é acima de tudo sobre a luta por um sonho agora dado como garantido – a liberdade das mulheres enquanto independentes e auto-suficientes. ●

SÉRIES

24



**DEAR WHITE PEOPLE**  
NETFLIX  
6ª • 28/4

ESTREIA

## O DIA-A-DIA DO RACISMO EM DEAR WHITE PEOPLE

Esta série satírica é uma adaptação do filme de Justin Simien com o mesmo nome, de 2014. Estreia em Portugal esta sexta-feira, 28, mas pelos Estados Unidos, antes de estrear, gerou reacções negativas por parte de clientes da Netflix que acabaram mesmo por cancelar as suas assinaturas.

Controvérsias à parte, *Dear White People* começa onde o filme terminou e segue um grupo de estudantes negros numa escola de elite americana. Cada episódio é dedicado a um deles e às suas experiências pessoais. No total, são 10 episódios que abordam o impacto do racismo nas suas vidas. ● IMO

ESTREIA

## ALEIXO VAI AO PSICÓLOGO

MARKUS ALMEIDA

O famoso cão que fala com os trejeitos de uma avó transmontana está de volta à televisão. *Aleixo Psi* estreia na SIC Radical esta sexta-feira, 28, e marca o regresso

de Bruno Aleixo, agora em formato *sitcom*, com uma fórmula narrativa que permite conhecer o seu passado.

Com Aleixo regressam o Homem do Bussaco, o Busto, o Renato e o

Nelson, personagens criadas por João Moreira e Pedro Santos, que além de lhes darem vida no papel também lhes emprestam as suas vozes.

No caso de João, que desde 2008 interpreta a personagem Bruno Aleixo, isso significa, por vezes, ser reconhecido quando pede um café, como contou ao **GPS** depois de um visionamento para a imprensa.

Ao todo, a série tem seis episódios. Cada um é uma sessão de psicoterapia que Bruno Aleixo é forçado (nunca se sabe ao certo por quem) a ter. ●



**ALEIXO PSI**  
SIC RADICAL  
6ª • 28/4

Miley Cyrus  
está de volta  
e desta vez  
não é Hannah  
Montana



SÉRIES

25

ESTREIA

## A SÉRIE QUE JUNTOU MILEY CYRUS E WOODY ALLEN

**FREDERICA WILBRAHAM**

Depois de 50 anos a escrever, a realizar e a representar no cinema, Woody Allen, acompanhado do seu humor neurótico, chegou à televisão. *Crisis in Six Scenes* é a série que marca a estreia de Allen no pequeno ecrã e está disponível na Amazon Prime Video, um serviço de *streaming* de séries e filmes por subscrição. A primeira temporada tem seis episódios, Miley Cyrus no papel principal e já um fim à vista - em Cannes, Woody Allen confessou-se arrependido de ter iniciado o projecto.

Em Nova Iorque, durante a guerra do Vietname, uma família suburbana de classe média vê o seu quotidiano ser virado do avesso com a chegada à cidade de Lennie Dale (Miley Cyrus), uma jovem rebelde foragida da justiça. O pai de família e escritor neurótico Sidney J. Musinger, responsável por acolher Lennie, é representado pelo próprio Woody Allen.

Para gravar a série, a cantora do *hit Wrecking Ball* fez uma pausa na carreira musical. Regressou assim a um formato que lhe é familiar, ou não ti-

vesse sido, entre 2006 e 2011, a estrela da série juvenil *Hannah Montana*. Se isso funcionou para ela, parece não ter funcionado para Woody Allen: em 2016, no Festival de Cannes, o realizador considerou que a decisão de fazer esta série foi um grande erro. "Nunca me devia ter metido nisto. Meia hora aqui, meia hora ali, pensei... que fosse fácil [fazer televisão], mas não é."

A crítica parece achar o mesmo. O *New York Times* considerou decepcionante que *Crisis in Six Scenes* fique alguns furos abaixo de séries como *Louie* ou *Transparent*, uma vez que o humor negro e o estilo cinematográfico destas séries foi inspirado na obra de Woody Allen. Por outro lado, para o *Hollywood Reporter* a série vê-se como um filme de três horas partido em seis episódios e deve ser vista de uma assentada: "É sem surpresa muito parecido com o trabalho de Allen no grande ecrã, mas de alguma forma é mais leve e não tão inteligente."

Em entrevista ao *Digital Spy*, Allen continuou a alimentar a ideia de arrependimento. "Subestimei a dificuldade disto. Normalmente faço filmes e pensei que isto seria fácil por ser televisão. Espero nunca mais ter de fazer isto enquanto estiver vivo." ●

**CRISIS IN  
SIX SCENES**  
AMAZON PRIME VIDEO  
Disponível em *streaming*

COM MARKUS ALMEIDA

# Fátima: em nome das mulheres

**João Canijo filmou uma peregrinação de nove dias que chega esta quinta-feira, 27, às salas de cinema portuguesas**

TEXTO ÂNGELA MARQUES

CINEMA

26

**S**ão 11 mulheres normais – mas 11 mulheres normais? Isso é algo anormal. Terá sido mais ou menos assim, mais palavra, menos palavra, mais preconceito, menos preconceito, que João Canijo, que gosta de meter o dedo na ferida, atíçar os lobos e assistir na bancada (tem sido assim na história da sua cinematografia, de *Filha da Mãe*, em 1990, a *É o Amor*, de 2013, passando por *Ganhar a Vida*, em 2001, e *Noite Escura*, em 2004), chegou à premissa de *Fátima*. Onze mulheres fazem-se à estrada. E depois?

Piscando ostensivamente o olho ao estilo documental, *Fátima*, que estreia esta quinta-feira, 27, nas salas de cinema portuguesas, fala de um tema caro aos portugueses: o das peregrinações a Fátima. No filme de Canijo, um grupo de 11 mulheres (as actrizes Rita Blanco, Anabela Moreira, Cleia Almeida, Vera Barreto, Teresa Madruga, Ana Bustorff, Teresa Tavares, Alexandra Rosa, Íris Macedo, Sara Norte e Márcia Breia) deixa Vinhais, em Trás-os-Montes, rumo ao santuário de Fátima. Corre o ano 2016 e a peregrinação levará nove dias e 400 quilómetros a cumprir.

O cansaço, as dores e uma intimidade forçada (as 11 mulheres dormem todas as noites numa caravana que também é enfermaria e – porque não dizê-lo – divã de terapia) são uma espécie de pontuação da história – na estrada, as mulheres ora cantam ora discutem, ora se adoram ora se odeiam. Em todos os momentos, contudo, o espectador vai conhecendo a história de fé das



Folia apresenta

# AUTO DA ÍNDIA

Actores e títeres numa encenação singular do clássico de Gil Vicente.



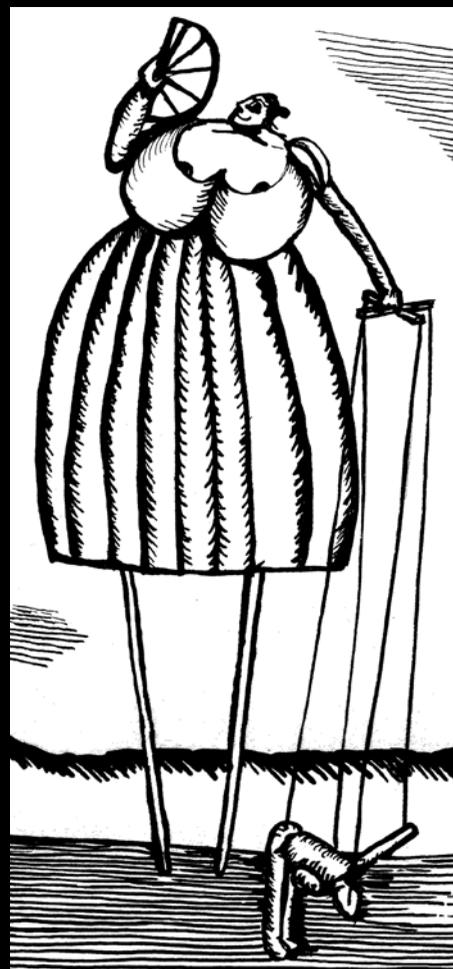
FOTOS JOANA LINDA

**RITA BLANCO  
E ANABELA  
MOREIRA, DUAS  
ACTRIZES-FETICHE  
DO REALIZADOR  
JOÃO CANIJO,  
CUMPREM  
OS PRINCIPAIS  
PAPÉIS DE FÁTIMA**

personagens - por entre (vale a pena dizê-lo) vernáculo muito pouco católico.

Anabela Moreira, Rita Blanco e Cleia Almeida só não roubam a cena porque Canijo é Canijo e filma as 11 como uma só - Ana Bustorff, por exemplo, não terá mais do que duas deixas e nem por isso parecerá estranha ao espectador. Fica a faltar falar das surpreendentes Sara Norte, Vera Barreto, Teresa Tavares, Teresa Madruga e Íris Macedo, e da sempre brilhante Márcia Breia.

No meio do exercício de explorar o que acontece quando 11 mulheres se sacrificam juntas, o realizador mostra imagens reais (com bolhas reais), conversas reais (com gargalhadas manifestamente reais) e esforços reais (as actrizes fizeram as suas próprias peregrinações e andaram de facto centenas de quilómetros). No fim, *Fátima* é um filme cru sobre a fé, sobre as dinâmicas de grupo, sobre a culpa e, claro, sobre a redenção. ●



[www.museudooriente.pt](http://www.museudooriente.pt)

mecenas principal

**NOVO  
BANCO<sup>+</sup>**

mecenas dos espetáculos

**Central** Cervejas e Bebidas

MUSEU DO ORIENTE | Av. Brasília Doca de Alcântara (Norte)  
1350-352 Lisboa | (351) 213585200 | [info@oriente.pt](mailto:info@oriente.pt)



**DE JAMES PONSOLDT**  
EUA • Thriller  
M14 • 110m  
Com Emma Watson,  
Tom Hanks e John Boyega

Um dos problemas de *O Círculo* (e são alguns) é a existência de *Black Mirror*. É indiscutível que a cáustica e profética

CINEMA

série de Charlie Brooker, com os seus contos de caução futurista, colocou uma fasquia alta para todos os projectos que tentam interpretar o mundo hiperligado. Apesar do talento de Dave Eggers, um romancista de créditos que adapta o seu próprio livro (também co-escreveu o argumento do delicado *Um Lugar Para Viver*), e James Ponsoldt, o jovem realizador que tem sido uma surpresa no cinema mainstream americano (*Smashed*, *Aqui e Agora* e *The End of The Tour* - que infelizmente não estreou por estes lados - onde encontrou humanidade no estranho génio

## CRÍTICA O CÍRCULO SMALL BROTHER



TIAGO R. SANTOS CRÍTICO

de David Foster Wallace), *O Círculo* nunca é mais do que um *Black Mirror Light*, não tendo a audácia de explorar os lados mais negros e inesperados da tecnologia - e as consequências que a evolução dos códigos binários provocaram na psique humana.

Mae vai trabalhar para a Circle, uma megaempresa gerida por Bailey, uma variação mais simpática de Steve Jobs, que pretende transformar o mundo num *big brother* onde a privacidade é coisa do passado. Não é preciso ter lido George Orwell para saber que isso é má ideia. Há demasiadas personagens subdesenvolvidas (Mercer, o interesse romântico de Mae, não existe apesar da sua importância dramática; Ty, um dos fundadores da empresa que a alerta para os perigos da tecnologia, é estranhamente ignorado por todos) e Emma Watson é uma demasiado frágil protagonista. Salva-se Tom Hanks, mesmo se em piloto automático, e a oportunidade de ver Bill Paxton pela última vez. ●

## CRÍTICA AMIGOS, AMIGOS, TELEMOVEIS À PARTE O VALOR DA CHAMADA



PEDRO M. SANTOS CRÍTICO

O ponto de partida é apetitoso: um grupo de sete amigos de sempre, reunidos ao jantar na casa

de dois deles, Rocco, cirurgião plástico, (Marco Giallini) e Eva, psiquiatra (Kasia Smutniak) durante noite amena com eclipse da Lua, resolve partilhar os SMS, *emails* e chamadas telefónicas recebidas, provocando consequências inesperadas.

Com vedetas do audiovisual italiano como Valerio Mastrandea e Alba Rohrwacher, a análise da influência da tecnologia nas relações humanas ou o humor potencial de certas situações dá sobretudo lugar a um exercício de



exposição das verdades escondidas e da hipocrisia dissimulada que vão sustentando o entretenimento, em estratégia de empatia com as fragilida-



**DE PAOLO GENOVESE**  
Itália •  
Comédia dramática  
• M14 • 97m  
Com Giuseppe Battiston  
e Anna Foglietta

des do espectador. Mas o talento cénico capaz de suplantar as convenções melodramáticas não faz parte dos convidados da noite, com um epílogo que normaliza as fracturas do encontro, embora o argumento apresente um par de notas bem compostas, como o telefonema sobre a perda de virgindade da filha dos anfitriões.

Posto isto: tomara o cinema português revelar esta inteligência média de escrita nas suas obras ditas comerciais. ●

**CRÍTICA**  
**BRAZIL: O OUTRO  
LADO DO SONHO**  
**A PRAIA DE KAFKA**

1 A obra-prima da vida do norte-americano Terry Gilliam (se excluirmos as animações, dignas de Jirí Trnka e dos irmãos Quay, que o celebrizaram no ensemble dos Monty Python) permanece este *Brazil*, agora em reposição - haverá melhor momento para a mãe de todas as distopias cinematográficas do que a idade de Trump, Putin, Erdogan e Kim-Jong un? -, cuja batalha rumo à estreia gerou versões mutiladas pelo produtor Sid Sheinberg, que exigia o *happy end*, e uma saga de acusações trocadas na imprensa.

Com o título de trabalho de 1984 e *1/2, cocktail* de

Orwell com Fellini, *Brazil* encapsula o método satírico de Gilliam e a sua estética de surrealismo retro, como se Fritz Lang bebesse absinto com Ma-gritte ao som do *vaudeville* de Gilbert & Sullivan.

Sam Lowry (Jonathan Price) é um funcionário público apanhado numa teia kafkiana - outra referência-chave - devido a um erro tipográfico, levando-o a conhecer a mulher que, literalmente, lhe habita os sonhos (Kim Greist).

De humor ácido como a língua de John Cleese e a ira de Ian Holm, num trabalho cenográfico inspirador, é um dos filmes fundamentais dos anos 80. ● PMS

●●●●●  
**DE TERRY GILLIAM**

Grã-Bretanha  
• Fantasia  
• M16 • 132m

Com Jonathan Price  
e Kim Greist



**CURSOS E CONFERÊNCIAS**

4, 18, 20 E 28 MAIO | WORKSHOPS

**ORIGAMI E MODELAÇÃO**  
**POESIA HAIKU E SAÚDE**  
**BONSAI : ESTÉTICA E CULTIVO**  
**FOTOGRAFIA DE VIAGEM**

13 MAIO A 3 JUNHO | CURSO

**DESENHAR É VIAJAR:**  
**DIÁRIOS GRÁFICOS**  
**NO MUSEU DO ORIENTE**

19 MAIO | VISITA ÀS RESERVAS

**A ESTAMPAGEM CHINESA**  
**NA COLEÇÃO KWOK ON**

31 MAIO | MESA REDONDA | ENTRADA LIVRE

**A ÍNDIA A VÁRIAS LENTES**



**SERVIÇO EDUCATIVO**

6 OU 20 MAIO | BEBÉS ATÉ 12 MESES

**BRANCO OU AZUL**

7 OU 21 MAIO | OFICINAS 3-5 ANOS

**SAÍDO DE UM LIVRO**

14 MAIO | PAIS E FILHOS [6-12 ANOS]

**BRINCANDO COM O BELO**

18 MAIO | VISITAS E ENTRADA GRATUITAS

**DIA INTERNACIONAL  
DOS MUSEUS**

[www.museudoorientep.pt](http://www.museudoorientep.pt)

mecenas principal

**NOVO  
BANCO**

CONTACTOS

Av. Brasília Doca de Alcântara (Norte) | Tel. 213 585 200 | [info@orientep.pt](mailto:info@orientep.pt)



## Gonçalo Waddington: “A perfeição é uma seca”

***O Nosso Desporto Preferido - Futuro Distante, segunda parte da tetralogia que imagina um ser humano perfeito, está em cena no Teatro São Luiz, em Lisboa, de 27 de Abril a 6 de Maio***

TEXTO **MARKUS ALMEIDA**

O público entra pelos bastidores e senta-se em duas bancadas montadas no palco do Teatro São Luiz, em Lisboa, em posição perpendicular à plateia. No centro, um espelho partido com as dimensões de um campo de *badminton* dá palco à acção de *O Nosso Desporto Preferido - Futuro Distante*, que ali decorrerá durante uma hora e 20, entre 27 de Abril e 6 de Maio, antes de seguir para o Teatro Carlos Alberto, no Porto, de 18 a 28 de Maio.

No ensaio a que assistimos, num estúdio do Centro Cultural de Belém, duas semanas antes da estreia da segunda parte da tetralogia *O Nosso Desporto Preferido* – o anterior, *Presente*, esteve em cena no Nacional D. Maria II, em 2016 –, Gonçalo Waddington pediu para usarmos a imaginação. A essa distância, raramente a cenografia está pronta.

“Nunca foi minha intenção fazer uma tetralogia. Eu queria fazer uma peça, mas apercebi-me que tinha muito material e que se a fizesse de uma só vez, com o *Presente*, o *Passado* e o *Futuro Próximo*, ela teria quatro ou cinco horas”, conta. “Depois deparei-me, por inexperiência de produção, com questões óbvias de orçamento, porque eu não tenho estrutura, não sou uma companhia”, explica Waddington enquanto almoça no café dos artistas

**O NOSSO DESPORTO  
PREFERIDO - FUTURO  
DISTANTE**

TEATRO SÃO LUIZ, LISBOA  
De 27/4 a 6/5 • 4.ª a sáb., 21h;  
dom, 17h  
• €12



**“A IRONIA É  
100 MIL ANOS  
DEPOIS HAVER  
UMAS PESSOAS  
(...) A SUPLICAR  
AOS DEUSES:  
‘MANDEM VIR  
AQUELE GAJO  
PARA ELE VER O  
QUE FEZ’”**



**EM 2016, O PRESENTE ERA ESTRANHO**  
**Nos instantes finais da primeira parte da tetralogia, em que cinco cientistas planeiam criar um ser humano perfeito, Michel (interpretado por Pedro Gil) tira uma pena de badminton do bolso, mostra-a aos jogadores e atira-a ao ar, dando início à partida e fim à peça. Na segunda parte que agora estreia, Michel (agora na vez de Tiago Lima) entra em cena “100 mil anos depois” com a mesma pena na mão, como que teletransportado. “Na primeira há uma tentativa de falar em rima, que era feita pela personagem do Michel. Então o Tiago agora dá-se conta que está a rimar, é como se fosse ‘uau, respire este ar e fico a rimar’. Dessa brincadeira cria-se a ponte entre as duas peças”, explica Waddington.**

do CCB, depois do ensaio. Foi por sugestão dos coprodutores Tiago Rodrigues e Thomas Walgrave, directores do Nacional D. Maria II e do Festival Alcantara, respectivamente, que Waddington decidiu encenar uma peça por ano.

Michel Houellebecq (*A Possibilidade de Uma Ilha*), Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*), Kurt Vonnegut (*Galápagos*), Woody Allen (*O ABC do Amor*, *O Herói do Ano 2000*) são algumas das influências que vêm à baila. Para quem não viu a primeira parte, dá para ter uma ideia do que aí vem: mais ficção científica, eugenia, mitologia grega, fundamentalismo religioso, *nonsense* e desejo – e transversal a tudo isto: *badminton*. Para esses, fica uma nota: a peça não funciona como sequela, aguenta-se por si só. No limite, duas ou três referências poderão passar-lhes ao lado durante o espectáculo, mas o epílogo não deixará ninguém sair confuso do São Luiz.

A figura central da tetralogia é Michel – primeiro interpretado por Pedro Gil, agora por Tiago Lima –, “um tipo que quer criar uma nova espécie e que na primeira parte acaba por ter sempre toda a gente contra ele, por querer decidir e impor como ele quer que esse ser humano seja, ao ponto de como deverão falar e agir”. Isto é o que aconteceu no *Presente*. Já o *Futuro Distante* é uma linha temporal alternativa – como um vislumbre do que poderia ter acontecido – aonde Waddington leva a narrativa antes de chegar a um *Futuro Próximo* (2018) e um *Passado* (2019).

“A ironia é 100 mil anos depois haver umas pessoas, o coro da humanidade [Carla Bolito e Vânia Rovisco], a suplicar aos deuses: ‘Mandem vir aquele gajo para ele ver o que fez.’” E que fez ele? Criou um futuro perfeito. As pessoas têm corpos perfeitos, são inteligentíssimas e vivem centenas de anos. “São tão perfeitas que falam em rimas, mas elas próprias têm consciência de que isso é uma seca, que quando te aperfeiçoas de tal forma que deixa de haver paixões, ódio, guerra – o que for –, tudo se torna uma seca.” Para passar o tempo – porque o tédio, esse, não há forma de o passar –, dedicam-se ao *badminton*, “um desporto com elevação” de que tanto Michel quanto o dramaturgo que o criou – Waddington – são fãs. Não haja dúvidas, porém: o “nosso desporto favorito” é sexo, que em *Futuro Distante* já não se faz – “é muito cansativo”, e eles são tão perfeitos que descobriram forma de se reproduzirem sem trocar fluídos.

“A ideia é que estas pessoas levam tudo à letra”, explica Waddington sobre esta civilização que criou a sua mitologia e regras com base nas ideias ancestrais de Michel. “Se antigamente tentavam falar em rima, então vamos falar em rima. Eles jogavam *badminton*, então vamos jogar *badminton*. Quando lemos a Bíblia ou o Corão, se calhar convém não levar tudo à letra, senão às vezes dá merda.”

TEATRO & DANÇA

31

TERESA TAVARES  
É A MENINA  
JÚLIA NA  
REINTERPRETAÇÃO  
DE CORTE  
E COLA DA PEÇA  
DE AUGUST  
STRINDBERG QUE  
O TEATRO DO VÃO  
LEVA AO PALCO  
DO SÃO LUIZ,  
EM LISBOA

TEATRO & DANÇA

32

## TERESA

### TUDO COMEÇOU EM 2000

com a novela *Jardins Proibidos*. Teresa Tavares, hoje com 34 anos, conseguiu o papel logo no seu primeiro casting. "Foi uma grande surpresa quando me ligaram a dizer que tinha sido escolhida", diz Teresa, para quem ser atriz "não é mais do que tirar as máscaras". Ultimamente tem feito teatro - fundou o Teatro do Vão com Daniel Gorjão e Sara Garrinhas -, televisão e cinema. Trabalhou com João Canijo em *Sangue do Meu Sangue* e em *Fátima*, que estreia esta quinta, 27 de Abril. "Acredito que as pessoas vão ao teatro ou vêem um filme para se verem a si próprias. Este exercício de te despires naquela situação é o que procuro enquanto atriz - interessam-me processos que me permitam chegar a isso."

### ESTREIA

#### JÚLIA

TEATRO SÃO LUIZ, LISBOA  
De 28/4 a 7/5, 5ª a sáb, 21h;  
dom, 17h  
•€12

MARKUS ALMEIDA TEXTO

## JÚLIA

"JÁ TINHA UM FASCÍNIO pela Menina Júlia há muito tempo, precisamente por causa da relação entre Júlia e João e do jogo de poder que está subjacente a todas as relações." A peça é uma adaptação da *Menina Júlia* de Strindberg que o encenador Daniel Gorjão, usando as partes do texto original que lhe interessavam, limitou ao essencial - a relação tumultuosa de

uma noite entre a filha de um conde e o seu criado. "A Júlia é uma mulher que diz 'eu não vou depender dos homens' e 'qual é o problema de estar aqui consigo?'. É uma mulher que foi educada a acreditar nisto e que se quer afirmar independente, mas que está sempre a dizer 'salve-me por favor'. A dinâmica destas forças que existem dentro dela é fascinante."

FESTIVAL

# NÃO HÁ UM DIA MUNDIAL DA DANÇA – HÁ 17 E É UM FESTIVAL

**MARKUS ALMEIDA**

Tal como em 2016, o Dia Mundial da Dança, que se comemora a 29 de Abril, serve de pretexto para 17 dias de festa que levam ao Porto, a Vila Nova de Gaia e a Matosinhos companhias e coreógrafos nacionais e internacionais de renome. O Festival DDD – Dias da Dança regressa entre 27 de Abril e 13 de Maio para a sua segunda edição.

Com direcção artística de Tiago Guedes, o festival propõe 35 espectáculos, dos quais nove, de criadores portugueses, são estreias absolutas – é o caso de *Muros*, trabalho de Né Barros sobre fronteiras e emigração. Alain Platel (*Nicht Schlafen* é apresentado no Teatro Nacional São João a 8 e 9 de Maio), Maguy Marin (regressa ao Porto ao fim de 24 anos) e Noé Soulier (estreia nacional) são alguns dos destaques internacionais do festival.

Os Dias da Dança abarcam três fins-de-semana e estão ancorados em três formatos: o DDD IN, relativo aos espectáculos de sala; o DDD OUT, que, como o nome sugere, são projectos que decorrem em espaços públicos; e o DDD Extra, que complementa a programação com *masterclasses* e *workshops*. A programação completa pode ser vista em [festivalddd.com](http://festivalddd.com).



No dia 29, Maguy Marin leva *BIT* ao Grande Auditório do Rivoli, no Porto

**FESTIVAL DDD - DIAS DA DANÇA**

PORTO, V.N. DE GAIA E MATOSINHOS  
De 27/4 a 13/5  
Entre €5 a €10



Noé Soulier estreia *Faits et Gestes* no Teatro do Bolhão, Porto, a 28

BRUNO SIMÃO

**CRÍTICA**  
**BACANTES – PRELÚDIO PARA UMA PURGA**  
**PERFORMANCE PARA DIONISO**



**GISELA PISSARRA CRÍTICA**

**1** Marlene Freitas tem feito um percurso de destaque na dança contemporânea e, desta vez, o D. Maria II convidou-a para criar sobre *As Bacantes*, de Eurípedes. Da tragédia grega encontramos pouco, mas a peça produzida pela coreógrafa é plena de criatividade e sentido lúdico.

Em cena, 13 intérpretes multifacetados – parte bailarinos, parte músicos – tocam, cantam e dançam, montando e desmontando uma verdadeira festa dionisiaca a partir de objectos simples, como estantes de pautas ou sacos de plástico, que servem de quase tudo num universo de humor e faz-de-conta.

Cada intérprete parece inventar organicamente colecções de esgares, movimentos, vocalizos, sons, olhares e atitudes que formam um todo criativo e humorístico notável. A música é primordial para o espectáculo e abarca o mundo enorme, selvagem e burlesco da criadora: além do que os trompetes tocam em cena, a performance faz-se com múltiplos sons – do barroco ao funk de favela e mais além.



**TEATRO NACIONAL D. MARIA II**  
Até 30/4 • 5.ª a sáb., 21h  
• Dom., 16h • €5 e €17

TEATRO & DANÇA

Vinicius de Moraes, de pé, com Tom Jobim, com quem fez uma das maiores duplas da música brasileira (e por que não da música mundial?)



LIVROS

34

## Celebrar o garoto de Ipanema

**Livro reúne as letras que Vinicius de Moraes escreveu “para” a música e os músicos do Brasil. O volume termina com vários ensaios sobre os bastidores dessas colaborações que marcaram uma geração**

TEXTO MARCO ALVES

VINICIUS CRIOU COM TOM JOBIM ALGUNS DOS GRANDES CLÁSSICOS BRASILEIROS, COMO GAROTA DE IPANEMA E CHEGA DE SAUDADE

Os últimos tempos têm sido especialmente profícuos para os amantes das coisas boas do Brasil. Houve *Chega de Saudade* – *A História e as Histórias da Bossa Nova* (de Ruy Castro), *Carnaval no Fogo – Rio de Janeiro* (do mesmo autor), ou a publicação da obra de Nelson Rodrigues (*A Vida Como Ela É*, *O Homem Fatal* e *A Menina Sem Estrela*). O lançamento destes livros foi da Tinta da China.

Mas tem havido também a Companhia das Letras, que anda há três anos a lançar por cá Vinicius de Moraes: *Antologia Poética* (2015), a celebrada peça *Orfeu da Conceição* (2016) e *Para Vi-*

*ver Um Grande Amor* (a famosa coletânea de crônicas e poemas de Vinicius, lançada já este ano em Portugal, em Janeiro).

Segue-se agora *Livro de Letras*, que se apresenta como “um trabalho de recolha aturado e metucioso até agora inédito em Portugal, a mais completa antologia das letras das canções” de Vinicius de Moraes (1913-1980).

Embora se chame *Livro de Letras*, há mais do que letras. Mas o melhor é começar a falar delas. A obra arranca com 55 páginas de poemas que nasceram da parceria de Vinicius de Moraes com Tom Jobim. Estão lá os clássicos *Chega de Saudade*



## TOQUINHO

**Vinicius de Moraes, ao centro, numa foto de 1976, tirada em Roma, Itália, com a italiana Ornella Vanoni e o brasileiro Toquinho. Os três estavam a gravar o álbum *La voglia la pazzia l'incoscienza l'allegria*. Toquinho, actualmente com 70 anos, foi um dos grandes músicos brasileiros a quem Vinicius emprestou o seu génio instintivo e inato para escrever letras de canções.**

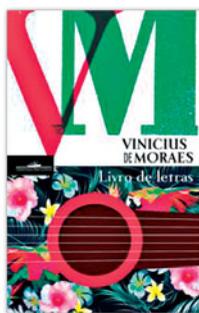
de, *Eu Sei Que Vou Te Amar* ou *Garota de Ipanema*, por exemplo.

Segue-se a colaboração de Vinicius com Baden Powell, Carlos Lyra e Toquinho, além de um capítulo intitulado *Vinicius & Outros Parceiros* (Pixinguinha, Paulo Soledade, Edu Lobo ou Chico Buarque) e outro chamado *Vinicius Consigo Mesmo*.

Apesar do seu valor por si própria, esta reunião das letras de Vinicius num livro tem um bônus que talvez seja ainda mais interessante: um conjunto de ensaios sobre a vida musical de Vinicius, que é o mesmo que dizer os bastidores da sua vida. Quando se diz que são ensaios, que não se induza em erro – não há academismo nos textos, antes relatos coloridos e bem documentados. A leitura é fácil, mas nunca banal.

O tiro de partida dá-se com um posfácio do ensaísta brasileiro Paulo da Costa e Silva – *Da poesia à canção: notas sobre o Vinicius de Moraes letrista*. Segue-se uma curiosa crónica de concerto da autoria de Alexandre O'Neill na revista *Manchete*, em Janeiro de 1969.

O poeta português descreve “o espectacular show de Vinicius de Moraes, Baden Powell e Marcia que acabam de apresentar no Ad Lib, uma



### LIVRO DE LETRAS

VINICIUS DE MORAES

Companhia das Letras • 576 págs.

€21,90

das casas nocturnas mais sofisticadas de Portugal”. A crónica termina dizendo que “seu Vinicius foi um sucesso em Lisboa”.

Mais imperdível, pela riqueza de pormenores, de *gossip* e de desembaraço da escrita, é o ensaio que se segue, da autoria de José Castello. O escritor, jornalista e crítico literário explica como Vinicius “subverteu as regras da música popular que privilegiavam os músicos em detrimento dos letristas”.

O destaque destas parcerias de Vinicius – uma personagem maior do que a vida, um homem que casou nove vezes, um artista dado às noites de farra, boémia e criação artística noite fora enquanto tentava fazer carreira de diplomata – foi com Tom Jobim, nos anos 60.

Foi com Tom que Vinicius encontrou o que queria: uma música sobre “a vida normal das pessoas normais, sem maneirismos, sem rebuscamentos, que servisse de deleite, não de purgação”, diz José Castello. E que mais havia para estes homens de deleite do que as mulheres e as letras a elas dedicadas?

Vinicius foi um poeta de pluralismo, de excesso de sentimentos, incluindo de uma coisa tão pouca brasileira como a melancolia. “Um poeta que não cabia dentro de si que a poesia brasileira deu de presente para a bossa nova”.

José Castello debruça-se depois sobre outra das grandes parcerias de Vinicius – Baden Powell. Uma reunião de talentos que “começou pela incompreensão” e se deixou seduzir pelo mistério que um causava no outro, a que o violão de Powell só veio fazer de pau de cabeleira.

Um livro imprescindível para entender a pequena e a grande história da música brasileira na segunda metade do século XX. ●

1 A liberdade instala-se no campo do invisível. Um bem imaterial pelo qual se lutou nos últimos anos, décadas e séculos por todo o mundo. O recurso ao cliché, pensar na imaterialidade da liberdade, é essencial para absorver

este *O Edifício de Pedra*. A edificação de algo, o lado material de uma construção do homem, transforma-se numa metáfora, ou várias, contra esse invisível/imaterial no primeiro romance traduzido para português de Asli Erdogan.

A escritora turca é conhecida pelo seu ativismo político e a sua constante luta pelos Direitos do Homem, seja em livros ou artigos em jornais (*Radikal* e *Özgür Gündem*). *O Edifício de Pedra* aparece nas prateleiras portuguesas num momento oportuno: Asli Erdogan foi detida em Agosto de 2016 por escrever artigos que manifes-

tam oposição ao regime de Erdogan. Após quase cinco meses na prisão, aguarda desde Dezembro a decisão do tribunal de Istambul. Apesar de actualmente viver em liberdade, está em risco de ser condenada a uma pena maior. A leitura deste texto agora, originalmente publicado em 2009, vive e absorve essa experiência. Impossível ser de outra forma.

Tem que se ler de um só tra-

## CRÍTICA O EDIFÍCIO DE PEDRA UM TRAGO DE LIBERDADE



ANDRÉ SANTOS CRÍTICO

é igual a qualquer outra prisão, e que pode ser outra coisa que não uma prisão: qualquer local de confinamento físico, imposto ou não. Através dessa ideia simples, um "edifício de pedra", Asli Erdogan constrói um poema em prosa que desafia o enclausuramento físico da liberdade.

Há várias, ou todas, as liberdades em jogo aqui. É por isso que existem um homem e um anjo na história, que são a mesma pessoa, a mesma voz. Estabelecem um confronto contínuo, uma consistência, um apaga-se nos horrores da sua realidade, o outro percebe que pode haver algo bem maior do que isso: lá fora e não só.



ASLI ERDOGAN

Clube do Autor • 124 págs.

€14

go. Há algo na escrita que obriga a isso, uma urgência e um encaideamento de lirismo, ideias e emoções que proporcionam essa corrida voraz. A narradora solta-se nas memórias, fala de um edifício de pedra, uma prisão, que

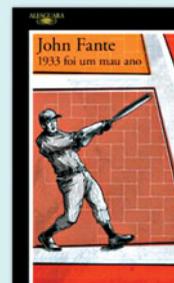
## CRÍTICA 1933 FOI UM MAU ANO O SONHO DE DOMINIC



EDUARDO PITTA CRÍTICO

1 John Fante (1909-1983) deixou uma obra breve mas consistente. Bukowski considerava-o seu mestre e, nos últimos vinte anos, a crítica mais exigente faz-lhe vénia. A novela póstuma *1933 Foi um Mau Ano* chegou agora à edição portuguesa. A diabetes que o levou à cegueira e à amputação das duas pernas, ao mesmo tempo que explica o seu relativo apagamento da cena literária, é uma razão plausível para o livro ter ficado por concluir. Fante, que nasceu no seio de uma família de Abruzzo, é o celebrado autor do quarteto novelístico Bandini, que abre com *Es-trada para Los Angeles*.

A escrita sofisticada do autor resgata a intriga da sua aparente trivialidade: vivendo em Roper, no Colorado, Dominic Molise, o narrador, vive emparedado entre o sonho do baseball e as contingências da Grande Depressão que sucedeu ao *crash* de 1929. Mesmo incompleto, *1933 Foi um Mau Ano* não deixa de ser um autêntico *Bildungsroman*, ou seja, um romance de formação por intermédio do qual o autor põe em pauta uma panóplia de questões identitárias. ●



JOHN FANTE  
Alfaguara  
• 112 págs.  
€15,90



*O Edifício de Pedra* é uma metáfora para a opressão numa Turquia que caminha para o Erdoganismo. A autora, Asli, também é Erdogan, mas não é familiar do Presidente. Pelo contrário, está presa por delito de opinião

**SÁBADO**

www.sabado.pt



## O UNIVERSO DA MARVEL SEM MÁSCARAS



### Colecção Graphic Novels da Marvel

Não perca esta colecção oficial com os maiores super-heróis da história. 60 livros de capa dura numa qualidade premium para todas as idades, especialmente seleccionados por especialistas com conteúdos extras, esboços de artistas, evolução dos personagens e entrevistas exclusivas com autores e ilustradores.

**TODAS  
AS SEMANAS**

Às quintas-feiras, com a sua **SÁBADO**.

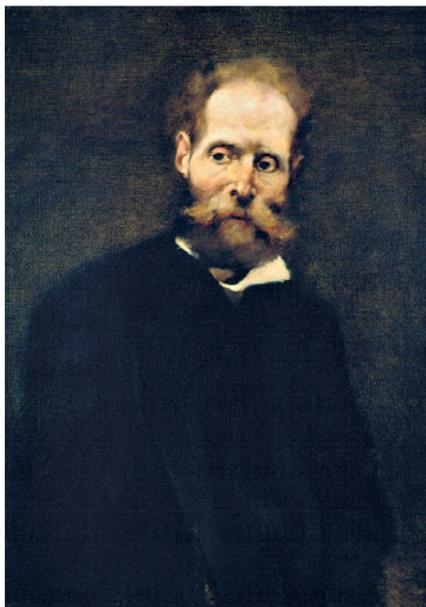


**MARVEL**  
marvel.com  
© 2017 MARVEL

Para mais informações



Promoção semanal com a **SÁBADO** às quintas-feiras de 2 de Março de 2017 a 19 de Abril de 2018. Colecção de 60 entregas. 1ª entrega PVP 2,99€ Cont. (IVA inc.), 2ª entrega PVP € 6,99 (IVA inc.); PVP das restantes entregas 11,99 € Cont. (IVA inc.). Preço total da colecção 705,40 € Cont. (IVA inc.). Promoção limitada ao stock existente. Para mais informações 210 494 414 (dias úteis das 9h30 às 13h e das 14h30 às 18h). Nas bancas ou em <http://loja.xl.pt>. Peça no seu ponto de venda.



Retrato de Antero de Quental, 1889, de Columbano Bordalo Pinheiro



No Cemitério, 1890, de José Veloso Salgado



Marinha, 1855-60, de João Cristino da Silva

# A sedução da modernidade

**A ligação da arte oitocentista com a literatura e uma dupla de designers contemporâneos contra a ortodoxia da produção em massa são os temas das duas exposições que são inauguradas no dia 27 no Museu de Arte Contemporânea do Chiado**

TEXTO ÁGATA XAVIER

**B**ebiam conhaque e cerveja enquanto discutiam o estado da arte em Portugal, ansiosos pela modernidade trazida de Paris e Barbizon por Silva Porto, o aluno brilhante que regressou de França para dar aulas nas Belas-Artes. O conjunto de jovens reunia-se na cervejaria Leão d'Ouro, em Lisboa, e foi com o nome da casa que lhes servia imperiais que ficaram imortalizados na tela de Columbano Bordalo Pinheiro e no nome cunhado por Mariano Pina: o Grupo do Leão. *A Sedução da Modernidade*, que será inaugurada a 27 de Abril, quinta-feira, na Sala dos Fornos do Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, em Lisboa, revela as propostas artísticas do primeiro grupo a romper com as convenções académicas vigentes.

"As novas gerações são fascinadas pela modernidade, pelo desejo de aprofundar o inédito. Todos estes momentos breves, na defesa dos sucessivos rumos de modernidade, fazem da oportunidade de um instante o seu derradeiro fascínio, e constituem uma verdadeira sedução da modernidade", explica ao **GPS** a curadora Maria de Aires Silveira.

A mostra revela um total de 44 obras distribuídas por quatro núcleos que remetem para citações literárias da época: "O inconsciente imortal e a geração romântica" (a partir de um poema de

## **A SEDUÇÃO DA MODERNIDADE**

MNAC

R. Serpa Pinto, 4, Lisboa

• De 27/4 a 15/4/2018

• 10h-18h • Fecha 2ª

• €4,50

## O DESIGN DE “ANTIPRODUTO” DE LUÍSA CODER E JOSÉ RUSSELL

2017 assinala os 30 anos do grupo Infracções, um duo formado por Luísa Coder e José Russell que se dedicou a reinventar o *design*, opondo-se aos “mecanismos racionais e monótonos” da produção em série. *Love VS. Power?* é a exposição que o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, em Lisboa, lhes dedica a partir desta quinta, 27.

O duo “adoptou uma postura única, mesmo ao nível internacional, numa prática de Design de Produto (ou Antiproduto?) de conteúdo amadurecido e consis-

tentemente político, reivindicativo e utópico”, explica o curador Rui Afonso Santos na apresentação da exposição. Adianta também que a dupla de artistas é herdeira da proposta conceptual do Movimento Fluxus, “fundindo arte, mesmo performativa, alta e baixa cultura – e *design* –, recusando o nacionalismo, exaltando a mitificação do quotidiano, o cómico-grotesco e o binómio funda-

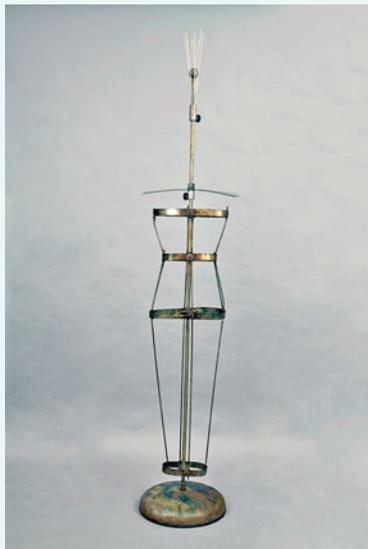
mentalmente democrático arte-vida”.

*Infracções*, o nome escolhido para o projecto, parte não só de uma ironia mas de uma certeza: a recusa de toda a ortodoxia. Enquanto Luísa foi professora no IADE até se dedicar em exclusivo ao *design*, José passou, por exemplo, pelo desenho de casas pré-fabricadas em Marrocos e na Argélia. Ambos questionam o poder das marcas e do consumismo, da produção em massa e repetitiva. Ao todo, a mostra *Love VS. Power?* revela 12 peças e um conjunto de videoclipes.

### LOVE VS. POWER? MNAC

R. Serpa Pinto, 4, Lisboa  
• De 27/4 a 20/8 • 10h-18h  
• Fecha 2ª • €4,50

Barbarella,  
1995



Corvo,  
1999



Antero de Quental), “O ar fino e puro da arte moderna” (uma descrição de Eça de Queiroz do livro *A Cidade e as Serras*), “Columbano e o inventário de almas” (Emídio da Silva referia-se ao amigo Columbano como o pintor de almas), e “À flor dos flôreos fenos nos simbolismos” (que relembra um poema de Eugénio de Castro).

Este conjunto de artistas apostava no desafio de pintar “no natural”, tal como sugerira Almeida Garrett em *Viagens Na Minha Terra*, revela Maria de Aires Silveira. “Aproveitavam as condições da natureza, tempestades e mar revolto, para expressar sentimentos e, pela primeira vez, apresentaram a pintura de nu naturalmente, descontextualizada de ambientes mitológicos. Estas novidades estabeleciam tensões com reconhecidos artistas portugueses e chegavam a abandonar as aulas da Academia de Belas-Artes por discordância com o ensino.” E adianta: “O grupo reunia em torno da figura de Silva Porto e apresentava regularmente as suas obras nas exposições de Arte Moderna e de Quadros Modernos, de 1881 a 1889. Aliás, ainda em 1883, Ramalho Ortigão entendia que estas novas exibições correspondiam ‘a uma fórmula naturalista da arte moderna’, ao estabelecer uma relação entre a pintura de ‘ar livre’ e esta sedução pela modernidade, no momento efémero da revelação da novidade. Um outro importante cruzamento literário e artístico desenvolveu-se a partir dos retratos de Columbano, numa série padronizada, representativa de destacados intelectuais, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, Silva Pinto, Fialho de Almeida, António Feijó e muitos outros. O artista focava-os através de um moderno processo de iluminação, acrescido da comoção do autor, e pintava-os numa tensão moderna”, revela.

Mas de quantas modernidades vive afinal a arte, numa altura em que se expõe, também em Lisboa, *José de Almada Negreiros, uma Maneira de*

*Ser Moderno?* Baudelaire deu a resposta ao explicar que a modernidade é de todas as épocas e não de uma só, “desde que se instale um paradoxo, um conflito com a geração anterior”, sintetiza a curadora da exposição. Embora o Grupo do Leão incluía mulheres, nomeadamente Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Josefa Greno e Berta Orti-

gão, são poucas as que figuram no acervo do MNAC. No entanto, *No Atelier*, obra de Aurélio de Sousa “com referências das pinturas de Columbano” estará em exposição. “É uma proposta de modernidade pela tensão existente e crítica intimista”, explica Maria de Aires Silveira. ●

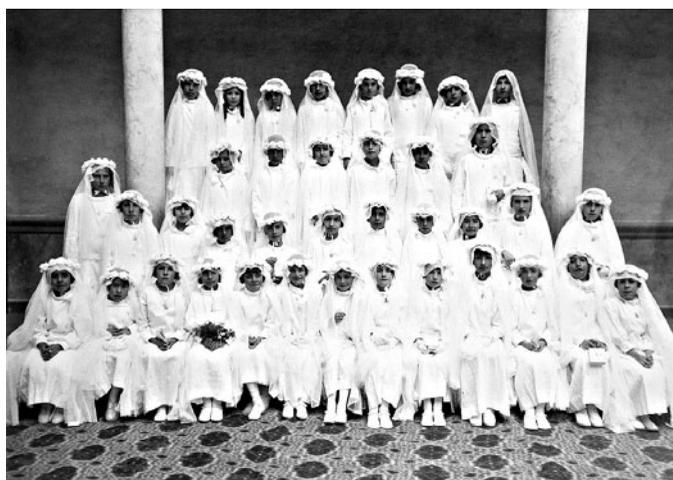


Perdedores,  
1904

Todas  
Seremos  
Senhoritas,  
1910-1920

**ARCHIVO  
CORDERO**  
ARQUIVO FOTOGRÁFICO  
DE LISBOA

R. da Palma, 246, Lisboa  
De 29/4 a 1/7 • 10h-19h  
• Fecha dom.  
Grátis



Desobe-  
diência, por  
Culpa Sua  
Vou Ser  
Feliz, 1915



## FOTOGRAFIA

# JULIO CORDERO NO ARQUIVO FOTOGRÁFICO DE LISBOA

### ■ ÁGATA XAVIER

Não é um retrato da Bolívia, mas 70. As imagens de Julio Cordero mostram as pessoas que andavam na rua e as que não podiam lá circular (estavam presas), cerimónias fúnebres e festivas, casais, colégios. A proximidade ao Partido Liberal, por exemplo, resultou em vários retratos de políticos e militares.

Entre 1900 e 1961,

juntou milhares de chapas de metal e vidro, onde guardava as disparidades sociais de La Paz, capital do seu país, e é esse trabalho que se pode ver no Arquivo Fotográfico de Lisboa a partir do dia 29.

Cordero aprendeu a ampliar (passar de negativo para positivo) com os irmãos Valdés, os mais conhecidos fotógrafos do Peru – por ter trabalhado no seu

estúdio durante a juventude. Mais tarde, em 1900, abriu o seu espaço no centro de La Paz. Conta-se que Julio era bom conversador e seria dessa forma que cativava as pessoas para as retratar.

“Esta exposição é dedicada a todos os que fazem dos seus sonhos um lugar na luta do dia-a-dia e, sobretudo, àqueles que são capazes de projectar hori-

zontes perante muros evidentes”, revela o curador Miguel López Pelegrin, em nota para a imprensa, a mesma que questiona o relativo anonimato dos fotógrafos bolivianos.

*Archivo Cordero* pretende contrariar esse fenómeno – a pouca expressão na história da fotografia latino-americana – ao apresentar, pela primeira vez em Portugal, imagens

deste autor autodidacta.

O Arquivo Fotográfico de Lisboa inaugura também outras duas exposições: *Fotomemórias* de Ruy da Silveira, com imagens de Portugal e França nos últimos 40 anos, e *Fotografia de Cena*, que revela pela primeira vez fotografias de Artur Bourdain de Macedo e conjunto de imagens privadas da actriz Amélia Rey Colaço. ●

**PINTURA**

# CRUZEIRO SEIXAS NA FIGUEIRA DA FOZ

Artur Cruzeiro Seixas, nome grande do surrealismo português, volta a expor na Figueira da Foz, desta vez na Galeria Rasto, alguns trabalhos que fez entre 1940 e 2017.

É esse, aliás, o nome da exposição, *De 1940 a 2017*, e revela colagens, objectos, desenhos, têmperas e guaches criados ao longo de 77 anos de carreira.

Seixas foi um dos precursores do surrealismo nacional, juntamente com Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Mário Henriques Leiria, Pedro Oom ou Carlos Calvet, jovens inspirados pela filosofia de André Breton, pela escrita de Artur Rimbaud e pelas sucessivas viagens a Paris, o grande centro da arte europeia no início do século XX.



*Longa Viagem ao Mundo das Palavras Azuis*

**DE 1940 A 2017**

**GALERIA O RASTRO**  
R. da Liberdade, 14,  
Figueira da Foz  
De 29/4 a 4/6 • 10h-13h  
e 15h-19h (sáb. até 24h;  
dom. 15h-19h)  
• Não Fecha  
**Grátis**

A marinha mercante levou-o até Angola, em 1952, país onde realizou várias exposições e criou parte relevante da sua obra. Com a guerra colonial regressou a Portugal (perdeu parte dessa obra pelo caminho) e juntou-se a alguns amigos na procura de um novo ideal

“de sentir e pensar”.

De realçar que o pintor, de 96 anos, estará presente na abertura, que decorre a 29 de Abril, pelas 18h. Será lançado um catálogo com textos do próprio Cruzeiro Seixas, Ernesto Sampaio e Mário Cesariny durante a exposição. ● AX

**CRÍTICA**  
**FRANCISCO TROPA – O BIGODE ESCONDIDO NA BARBA APOCALIPSE ALEGRE**



**CARLOS VIDAL**

Tropa surge em 90, tem circulação internacional (Venezuela – Pavilhão de Portugal, 2011), e pouco se relaciona com os artistas

da sua geração; isola-se, digamos, nas “máquinas celibatárias” de Duchamp com seu espectador-construtor. Também em Tropa o espectador deve descobrir a razão de ser do que vê, os micro-sentidos (como em Duchamp, “infralevés”), crê-se autor de contentores e não produtor de conteúdos. Em *Casalinho* cria um “observatório de humidades” e em *A Assembleia de Euclides*, muito próximo do duchampiano *Étant Donnés*, há o suposto interior de uma máquina fotográfica, objectos, uma bicicleta e um ciclista com seu transe. Este, como o nu que observamos em *Étant Donnés*, é a origem do mundo e das imagens. Nesta exposição há desenhos ou restos de aguadas, marcas de argila nas paredes, folhas brancas e serigrafias feitas a partir dos cartões que encontramos nos automóveis com anúncios “Compro todo o tipo de carros, com avarias”. Desolação, vida e morte.

ARTES PLÁSTICAS

**COLECTIVA**

# DENISSE E EVANGELISTA NA ZDB

Dose dupla na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, com uma exposição de Diogo Evangelista, *Espaço de Fluxo*, e outra de Mattia Denisse, *Duplo Vê*.

Evangelista questiona as ideias da invisibilidade e da introspecção num mundo paudado pela tecnologia em *Espaço de Fluxo*, uma iniciativa que integra a BOCA - Bial de Artes Contemporâneas, a decorrer até ao fim de Abril em Lisboa e no Porto. Fá-lo através de pintu-

ra, performance e vídeo. Denisse, com *Duplo Vê*, espalha mais de 200 desenhos, por 15 mesas, que, todos juntos, contam uma história infinita. O título tanto alude à letra W como à visão dupla de “um Deus vesgo”. ● AX

**DUPLO VÊ/ ESPAÇO DE FLUXO**

**GALERIA ZÉ DOS BOIS**  
R. da Barroca, 59,  
Lisboa  
Até 24/6 • 19h-23h  
• Fecha dom. a 3.ª  
**Grátis**

Desenho de Mattia Denisse



●●●●●  
**F. CARMONA E COSTA**  
R. SOEIRO PEREIRA GOMES,  
LISBOA  
Até 27/5 • 15h-20h • Fecha  
dom. a 3.ª • Grátis



# S

STYLE

SHOPPING

42

## Ténis exclusivos ao pontapé

**A primeira loja Kicks de Lisboa já abriu. O GPS aproveitou a deixa para falar com os dois portugueses que criaram este promissor império do calçado desportivo**

TEXTO **DIOGO LOPES** FOTOS **RICARDO PEREIRA**

O Centro Comercial Amoreiras acaba de ganhar um novo inquilino - a primeira loja de ténis Kicks em Lisboa já abriu (para breve está prevista a abertura de mais um estabelecimento deste Foot Locker português, na zona do Chiado). A Kicks, que aposta em modelos exclusivos, pode gabar-se de ter à venda 10 modelos - de marcas como a Diadora, a New Balance ou a Asics - que não encontrará noutra loja em Portugal.

Os ténis que lá se vendem são feitos em Portugal? São de marcas portuguesas? Não, não é por isso que esta loja se pode considerar lusitana de gema, mas sim por ter sido criada por dois *sneakerheads* (nome inglês associado a pessoas com particular interesse neste tipo de calçado) portugueses, Miguel Guedes e José Vieira, dois amigos que trabalham juntos no ramo do desporto (Miguel numa componente mais virada para a moda e José no ramo da performance) há alguns anos e que "sempre quiseram ter um negócio próprio". Decidiram apostar no ramo dos ténis porque sentiam que este não estava bem representado - "havia uma lacuna nesta área", contou José Vieira, no dia da inauguração desta loja. Abriram a primeira Kicks no Porto, no Parque Nascente.

O resultado desta primeira aventura "superou as expectativas", ainda para mais por ter surgido numa fase em que o País estava "mergulhado no efeito-troika", continua Vieira. "Inicialmente tínhamos previsto abrir uma loja nova por ano",

**A KICKS INAUGUROU A SUA PRIMEIRA LOJA EM LISBOA. LÁ ENCONTRA MODELOS EXCLUSIVOS DE MARCAS COMO NEW BALANCE OU DIADORA**



Miguel Guedes (à esq.<sup>ª</sup>) e José Vieira (dir.<sup>ª</sup>), os criadores da Kicks

conta Miguel Guedes, mas o sucesso fê-los “acelerar o ritmo” – contando com esta abertura em Lisboa, já se contabilizam oito lojas Kicks pelo País (para lá da futura abertura no Chiado, os dois sócios contam abrir mais outra loja este ano, no Funchal), sem contar com a representação *online*, que surgiu após a primogénita do Porto.

Esta novidade pode ser pequena em tamanho (tem 35 metros quadrados), mas está mais que bem recheada. José Vieira revela que neste momento trabalham com “as maiores e mais representativas marcas de calçado desportivo”, incluindo esse portefólio de “10 a 12 marcas” nomes como Adidas, New Balance, Nike, Converse, Asics ou Saucony.

Nesta loja vai encontrar também um sistema informático, acessível através de um *tablet*, onde pode encomendar qualquer modelo vendido pela Kicks que esteja fora de *stock* no momento da sua visita – em 24 horas terá os seus ténis novos prontos a recolher. ●

## SHOPPING

Aqui estão alguns dos modelos que, em Portugal, só vai poder encontrar à venda na Kicks do Centro Comercial Amoreiras, em Lisboa



### DIADORA

Estes são os Diadora Titan II. A sua versão em verde-menta só está à venda em Portugal nestas lojas

€89,90



### NEW BALANCE

Azul/Vermelho (na foto), Vermelho/Branco, Amarelo/Branco e Azul-claro/Branco são as combinações de cor exclusivas destes U420

€79,90

### ASICS

Um dos modelos favoritos dos *sneakerheads*, estes Asics Gel Respector Carbon/Carbon

€124,90



### DIADORA

O *mesh* (espécie de malha em fibra) destes Diadora Titan Weave Galapagos tornam-nos bastante frescos

€99,90



# “A Ásia e o Médio Oriente respeitam e entendem os rituais”

**Raymond Cloosterman, fundador da Rituals, esteve em Lisboa – o homem que acha que nos esquecemos de aproveitar as coisas mais simples da vida falou com o GPS**

TEXTO VANESSA SANTOS

CORPO

44

**D**epois de desempenhar diferentes cargos na Unilever durante 13 anos, Raymond Cloosterman começou a trabalhar em novas ideias e negócios.

“A partir desse momento, iniciei uma viagem de autodescoberta com o objectivo de conhecer sítios e pessoas que me inspirassem”, conta.

Depois de três meses em viagens, durante as quais andou pelo comércio local à procura de ideias para o seu novo projecto, criou, em 2000, a Rituals, em Amesterdão, com produtos de cosmética para a casa e para o corpo, inspirados na Ásia e no Médio Oriente, “por serem culturas que respeitam e entendem os rituais, a antiguidade e os pormenores”.

“Desde pequeno que estou habituado a ter certos rituais na minha vida. Cresci num país predominantemente católico e frequentava a igreja onde havia muitos rituais. Para mim, isso também é uma inspiração, uma procura pelo equilíbrio.”

Apesar de muitas vezes não ter tempo para fazer aquilo de que mais gostaria, Raymond Cloosterman define-se como um “homem de pequenos rituais” e diz que tenta começar o dia de uma forma agradável: ao acordar, ignora o telemóvel, toma um duche que termina com água fria – algo que faz já há uns anos e que detesta, mas que descreve como sendo uma forma de



**+500**  
É o número  
de lojas da Rituals  
no mundo

**23**  
É o número  
de lojas da Rituals  
em Portugal

despertar o corpo e a mente. Só depois de beber uma chávena de chá é que pega no telemóvel. Quando regressa a casa do trabalho, gosta de acender velas para criar um bom ambiente e de desfrutar de um copo de vinho branco na companhia da família. “Não são propriamente três horas de ioga por dia, é uma mistura”, diz, rindo-se.

Para o futuro, o homem que acredita que se tem que viver a vida ao máximo, desfrutando das pequenas coisas, assume que ainda tem muito que explorar e muitos países onde quer levar a sua marca. “Espero continuar a fazer o que faço nos próximos 20 anos. Vamos ver onde chegarei”. ●

Seja voluntário por um dia e vá passear um cão do canil



## “Cãominhar” por uma boa causa

A 29 de Abril, Albufeira terá uma **cãominhada** cujo principal objectivo é ajudar os animais do canil

TEXTO **FREDERICA WILBRAHAM**

O seu cão é fã de caminhadas e gosta de fazê-las acompanhado? Este sábado, 29, às 10h, ele pode levá-lo a si a passear em Albufeira. A Cãominhada, iniciativa da Pata Viva Associação e do gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Albufeira, quer que cães e humanos caminhem juntos para ajudarem o canil municipal. Como? Quem não tiver cão pode passear um dos que vivem no canil municipal.

O percurso terá 4 a 5 km, a inscrição é gratuita e a única recomendação da organização é que não se esqueça de levar água - para si e para o seu cão. Já no que diz respeito a regras, há duas: apenas poderão participar os cães com coleira ou arnês na trela e, claro, as acções do cão serão da inteira responsabilidade dos donos. Se quiser ajudar o canil pode levar consigo ração, cobertores, trelas ou desparasitantes e entregá-los a um dos voluntários. Não precisa de se preocupar com os sacos dos dejectos do seu companheiro - serão dados pela organização.

O ponto de encontro está marcado para as 10h, nos estaleiros municipais de Albufeira. Se quiser passear um cão do canil deve enviar *email* para [pata.ativa.associacao@gmail.com](mailto:pata.ativa.associacao@gmail.com) - quem sabe se nesse passeio cria uma ligação e já leva um cão consigo. ●

COM **ÂNGELA MARQUES**

PETS

45

PUB

## FAZER O IRS NÃO CUSTA NADA. E AJUDAR CUSTA AINDA MENOS.

Veja as melhores dicas para o ajudar a preencher o seu IRS de forma simples e fácil em [fazeroirsnaocustanada.pt](http://fazeroirsnaocustanada.pt). E para nos ajudar, só tem que preencher o quadro 11 da folha de rosto, do modelo 3, com o número **501 917 705** e 0,5% do seu IRS será doado pelas finanças para os **LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO**, sem que isso tenha custos para si.

11

CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS

ENTIDADES BENEFICIÁRIAS	NIPC	IRS
Instituições Religiosas (art. 32.º n.º 4)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Colectivas de Utilidade Pública (art. 32.º, n.º 6)	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

501 917 705

 LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

[fazeroirsnaocustanada.pt](http://fazeroirsnaocustanada.pt)

**UMA COR DE CABELO DIFERENTE TODOS OS DIAS**

A Colorista é a mais recente gama de coloração da L'Oréal composta por *spray* (uma lavagem), *washout* (até 15 lavagens), *paint* (permanente) e *effects* (californianas)

**COLORISTA SPRAY**

SPRAY DE DIFERENTES CORES DA L'ORÉAL  
€9,99

PROVADOR

46

**PINTAR O CABELO É VICIANTE**

e toda a gente prestes a ceder ao impulso devia pelo menos saber quais são as suas implicações a longo prazo. Iniciei-me no mundo das colorações há três anos e desde então já fiz californianas, *balayages*, tom sobre tom em *burgundy* e já pintei o cabelo de uma cor mais clara que o meu castanho claro e numa cor mais escura. Já um pouco cansada das tais implicações – cores diferentes no cabelo, o tempo de espera para experimentar uma nova cor e os custos das manutenções –, tomei a decisão de passar por uma fase de desintoxicação.

O objectivo era voltar ao meu tom natural e evitar os sussurros maléficos das novas tendências de cabelos. Quando a L'Oréal me apresentou o *spray* Colorista, qual

maçã envenenada, enquanto perguntava “Queres experimentar uma cor diferente só por 1 dia?” nem sequer resisti, pronta a cair nos seus encantos. Isto porque estes *sprays* são ideais para quem quer ter cabelos coloridos sem as desvantagens da tinta permanente.

Na redacção recebi duas cores: rosa (*hot pink hair*) e azul (*turquoise hair*), que pensei aderirem melhor ao meu tom natural de cabelo. Marquei a data e convoquei duas mãos extras com a promessa de um cabelo colorido. Apesar de já ter pintado o cabelo antes, nun-

ca o tinha feito sozinha para evitar desilusões, por isso desta vez segui as instruções à risca, passo a passo e, pouco satisfeita, assisti mesmo a tutoriais no YouTube, não fossem as indicações deixar espaço para interpretações dúbias.

Decidi-me pelo *spray* cor-de-rosa, mas depois da primeira aplicação, de peito cheio e confiança no topo, apliquei-lhe o azul-turquesa para um cabelo arco-íris. Só depois da manobra recordei o que acontece quando se misturam cores e o meu cabelo ficou roxo. Quando cheguei ao penúltimo passo – “escovar suavemente” – de pouco me serviu o advérbio de modo. A escova de cabelo falhou na tarefa de desbravar o emaranhado que era o meu cabelo. No fim, por entre ais e uis, a minha casa de banho parecia a do Prince (ou o que imagino ter sido a sua casa de banho): o lavatório estava roxo, assim como a escova, as mãos e até mesmo a cara. Na cabeça, uma rasta que só se desintegrou três lavagens depois.

TEXTO INÊS MENDES OLIVEIRA



SÁBADO

www.sabado.pt



TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

# 125 CRIMES... ALGUÉM VAI TER DE OS RESOLVER.



Descubra o detetive que há em si e, todas as quintas-feiras, a SÁBADO dá-lhe 25 novos mistérios para resolver. Casos policiais inéditos, escritos por autores portugueses, com pistas que o vão ajudar a resolver cada mistério.

5 Livros Grátis, com a sua SÁBADO. É crime não aproveitar esta oportunidade.

Para mais informações





## Entre na Liga Allianz Running Record. Corrida de A a Z.

São muitos os portugueses apaixonados por corrida. Dos maratonistas aos corredores de 10k, dos aficionados por estrada aos fãs do trail. Se pratica running, seja pro ou iniciante, vai encontrar na nossa Liga tudo o que precisa. Seja através do nosso site, da aplicação ou das 19 provas do nosso calendário oficial.

A partida está dada. Junte-se a nós em  
[ligarunning.pt](http://ligarunning.pt)

Mais informações:



Parceiro técnico:



Allianz  Seguros

**Record**